

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Quando o que me rodeia inibe quem eu sou:
Expectativas e mecanismos de inibição na
Inferência e Transferência Espontâneas de Traços

Andreia Sofia Silva

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Professora Doutora Rita Jerónimo, Professora auxiliar, ISCTE-IUL; CIS-IUL

Coorientadora:

Professora Doutora Tânia Montenegro Ramos, Investigadora Pós-Doc. FPCE-UL

Outubro, 2015

American Psychological Association (PsycINFO Classification Categories and Codes):

3000 Social Psychology

3040 Social Perception & Cognition

3900 Consumer Psychology

3940 Marketing & Advertising

Agradecimentos

Finalizada mais uma etapa do meu percurso académico não podia deixar de agradecer a todos aqueles que fizeram parte desta experiência.

A todos aqueles que apesar de não terem tido uma influência durante este último ano na concretização da minha tese me ajudaram ao longo da licenciatura e mestrado a crescer tanto profissionalmente como pessoalmente (parte dedicada a ti Ana Branco).

Um agradecimento enorme e muito especial à Laura Mégevand que me ajudou imenso desde o início ao fim deste ano. Me ajudou a nunca desistir mesmo quando não percebia rigorosamente nada disto!

Obrigada pela companhia e pela alegria por essas esplanadas, restaurantes, parques e bibliotecas por essa Lisboa fora. E espero mesmo que consigas também terminar com sucesso a tua tese!

Gostaria de agradecer ao DEPSO/ISCTE-IUL, e em especial à Professora Rita Jerónimo por me facultado todas as condições para a concretização deste trabalho e me ter sugerido os seus alunos de Perceção Atenção e Memória como participantes para as recolhas através do SPI. Gostaria de agradecer também à Joana Reis, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, por me ter fornecido todas as condições necessárias para a elaboração do segundo estudo bem como a ajuda na recolha dos muitos participantes necessários para a realização do mesmo. O meu muito obrigado à Dra. Helena Santos não só pela disponibilização de todos os recursos necessários para as recolhas como também pela companhia, apoio, sugestões, críticas e incentivo de forma a poder melhorar a minha tese.

A todos os meus 130 participantes, um enorme obrigado, não só por terem contribuído para a ciência mas também por terem aguentado um estudo tão comprido e complicado.

A todos os elementos que fazem parte do Journal Club (professores, investigadores e alunos), um enorme obrigado, pelas sugestões e críticas que me fizeram questionar o meu trabalho um milhão de vezes e me obrigaram a muda-lo outras mil vezes. No entanto, também foi com a vossa ajuda que consegui melhorar.

À minha mãe e pai, obrigada por confiarem em mim e me incentivarem a nunca desistir. À minha irmã, obrigada pela alegria que me transmitias todos os dias quando chegava a casa completamente estafada. Obrigada mana!

E finalmente, um agradecimento muito especial às minhas orientadoras, Professora Rita Jerónimo e Professora Tânia Ramos, por todo o acompanhamento ao longo deste longo trabalho, pelas sugestões, pelas críticas e pelo incentivo. E acima de tudo por terem

demonstrado tanta disponibilidade mesmo quando não a tinham (especialmente estes últimos mês). Obrigada!

Resumo

São numerosas as evidências de que espontaneamente inferimos traços de personalidade a partir de comportamentos e que associamos ao ator do comportamento (IET; Carlston & Skowronski, 1994). Surpreendentemente, os traços assim inferidos são também espontaneamente transferidos para qualquer outra entidade incidentalmente presente no contexto do comportamento (TET; Brown & Bassili, 2002; Carlston e Skowronski, 1999). Numa adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2002), neste trabalho é explorado o papel das expectativas prévias acerca do alvo da transferência sobre a probabilidade de ocorrência da TET e de que forma essas expectativas podem influenciar a natureza processual da IET. Estudos anteriores demonstram que expectativas acerca do alvo da transferência que sejam incongruentes com as implicações de traço do comportamento inibem a TET (Jerónimo et al., em prep.). A natureza associativa deste processo foi testada no presente trabalho introduzindo pressão temporal durante uma tarefa de atribuição de traço (Experimento 1). O Experimento 2 testou as consequências para a própria inferência de traço realizada a partir do comportamento quando está incidentalmente presente um alvo com uma expectativa de traço incongruente com o comportamento. Inesperadamente, os resultados revelaram a possibilidade de a TET ser inibida perante pressão temporal durante a atribuição de traço. Adicionalmente, quando expectativas são incongruentes com o traço implicado pelo comportamento, a IET é facilitada, contrapondo estudos anteriores (Wigboldus et al., 2003). Estas evidências contribuem para a compreensão da natureza da IET da TET e conhecimento dos limites para a sua ocorrência, e podem ter implicações práticas para Marketing.

Palavras-chave:

Transferência espontânea de traço; Inferência espontânea de traço; Expectativas de traço; Personalidade da marca

Abstract

Numerous evidences reveal that personality traits are spontaneously inferred from behaviors and associated to the actors of those behaviors (STI; Carlston & Skowronski, 1994). Surprisingly, the traits inferred are also spontaneously transferred to any other entity incidentally present in the context of the behavior (STT; Brown & Bassili, 2002; Carlston e Skowronski, 1999). In an adaptation of the false recognition paradigm (Todorov & Uleman, 2002), in the present work we test the role of previous expectancies about the target of the transference on the probability of the STT, as well as how those expectancies impact the trait inference itself. Previous study showed that expectancies about the target of the transference inhibit STT when those expectancies are incongruent with the trait inferred from the behavior (Jerónimo et al., under prep.). The nature of the inhibition process was tested, in the present work, by introducing temporal pressure during the trait transference (Experiment 1). Experiment 2 tested the consequence, for the STI, of the presence of a brand with trait expectancy incongruent with the behavior. The same paradigm was adopted but the attribution of the trait implied by the behavior was tested regarding the actor of the behavior. Unexpectedly, the results reveal the possibility of STT inhibition under cognitive load. Additionally, when expectancies are incongruent with the trait inferred from the behavior, the STI seems to be facilitated opposing previous studies (Wigboldus et al., 2003). These findings may have practical implications for Marketing.

Keywords:

Spontaneous trait transference; Spontaneous trait inference, Trait expectancies, Incongruency bias, Brand personality

Índice

CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	1
<i>Introdução Geral</i>	<i>2</i>
1.1 <i>A Personalidade da Marca</i>	<i>4</i>
1.2 <i>Inferência Espontânea de Traço</i>	<i>5</i>
1.3 <i>Transferência Espontânea de Traço</i>	<i>9</i>
1.4 <i>Natureza do processo subjacente à IET e TET: Processos Atributivos e Associativos ...</i>	<i>12</i>
1.5 <i>IET e TET: Ator/Objecto e Objecto/Ator</i>	<i>13</i>
1.6 <i>A Presente Proposta</i>	<i>17</i>
CAPÍTULO II: ESTUDOS EMPÍRICOS	19
<i>Estudo 1</i>	<i>20</i>
Método	21
Resultados	24
Discussão	26
<i>Estudo 2</i>	<i>26</i>
Método	27
Resultados	28
Discussão	31
CAPÍTULO III: DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÕES	32
<i>Discussão Geral</i>	<i>33</i>
<i>Conclusão</i>	<i>38</i>
REFERÊNCIAS	39
ANEXOS	43
Anexo A - Logotipos de Marcas	44
Anexo B - Traços de personalidade e palavras neutras	45
Anexo C - Faces	45
Anexo D - Comportamento Implicativos de Traço	47
Anexo E - Comportamento não Implicativos de Traço	48
Anexo F- Exemplo da Fase de Aprendizagem Associativa (Estudo 1)	49
Anexo G - Exemplo da Fase de Estudo (Estudo 1)	50
Anexo H - Exemplo da Fase de Atribuição de Traço (Estudo 1)	51
Anexo I - Instruções dadas aos participantes (Estudo 1)	52
Anexo J - Exemplo da Fase de Aprendizagem Associativa (Estudo 2)	55
Anexo K - Exemplo da Fase de Estudo (Estudo 2)	56
Anexo L - Exemplo da Fase de Atribuição de Traço (Estudo 2)	57
Anexo M - Instruções dadas aos participantes (Estudo 2)	58

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Introdução Geral

Se na rua observarmos os transeuntes provavelmente inferimos inconscientemente um elevado número de características sobre cada uma das pessoas. O seu comportamento, a sua forma de andar, a sua aparência, etnia, roupa, todos estes elementos nos permitem inferir características a partir das quais formamos impressões sobre os indivíduos. "Quem é o João? Ele é simpático? Será um amigo fiel? O tipo de pessoa que gostarei de trabalhar?" Este tipo de inferências de traço são fundamentais para conseguirmos funcionar no mundo real (McCarthy & Skowronski, 2011), pois não só nos permitem fazer julgamentos sobre os outros, como aprender sobre os comportamentos futuros das pessoas e guiar as nossas interações sociais (Wells, Skowronski, Crawford, Scherer & Carlston, 2011).

Sabemos também que as marcas que as pessoas usam, sejam elas de roupa, carros, acessórios, instrumentos eletrónicos cada vez mais se têm constituído como elementos que usamos para fazer inferências acerca das pessoas (Fennis & Pruyn, 2007). A nossa impressão certamente não será a mesma sobre um indivíduo que usa um fato Gucci ou um indivíduo que usa um fato de treino da Nike. A nossa impressão não é a mesma sobre um estudante que usa um computador Apple ou um estudante que usa um Asus. A partir destes indícios, podemos inferir a profissão da pessoa, a sua classe social ou aspectos da sua personalidade. Por outro lado, também podemos questionar-nos se a utilização daquela ou de outra marca terá sido uma questão de gosto ou somente uma forma de transmitir aos outros um certo tipo de imagem. O uso de uma determinada marca tem um enorme impacto no processo de formação de impressões (Fennis & Pruyn, 2007) acerca dos próprios utilizadores dessa marca.

De acordo com Fennis e Pruyn (2007) se por um lado, diariamente formamos impressões sobre as pessoas consoante o tipo de marcas que estas utilizam, da mesma forma, ao consumirmos uma determinada marca, tentamos mudar a nossa própria imagem aos olhos dos outros, adaptando essa marca ao nosso *self* ou potenciando o nosso *self* ideal (cf., Aaker, 1997).

No âmbito do Marketing, a hipótese de poder ocorrer transferência de traços de personalidade da pessoa para a marca e da marca para a pessoa já tem vindo a ser estudada há algum tempo. Vemos constantemente exemplos de marcas à procura de formar a sua própria personalidade através de campanhas publicitárias utilizando celebridades que possuam características semelhantes às idealizadas pela marca (Ouwersloot & Todorica, 2001). Por exemplo, do ponto de vista comercial é extremamente eficaz utilizar celebridades atraentes (e.g. modelos) para comunicar produtos de beleza (e.g. L'Oréal, Victoria's Secret) (Kamins,

1990) ou produtos específicos (e.g. Nike chuteiras) que sejam comunicados por peritos na área (e.g. futebolistas) (Till & Busler, 2000).

Nestes estudos verificam-se apenas processos em que a marca e a pessoa são congruentes. Que eficácia pode ser obtida ao nível de comunicação da marca quando estamos perante processos incongruentes? Mais concretamente, de que forma decorre o nosso processo de formação de impressões se observarmos na rua uma mulher deselegante (pelas suas roupas ou atitude), que de momento usa uma mala Chanel (caracterizada como sofisticada). Será que nestas circunstâncias o traço inferido acerca da pessoa (e.g. “deselegante”) pode ser transferido e ficar também associado à marca (e.g. “sofisticada”).

Assim, no presente estudo pretende-se continuar a aprofundar os processos de transferência de traços da pessoa para a marca, particularmente estudando a importância da ativação contextual de uma expectativa de traço acerca da marca.

Num primeiro estudo, tendo por base os resultados obtidos por Jerónimo e colaboradores (em preparação) numa adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2002), pretendemos explorar qual o impacto que uma expectativa sobre uma marca incongruente com o traço inferido a partir do comportamento poderá ter na transferência Espontânea de Traço (TET), desse mesmo traço para a própria marca. O que se espera é que a ocorrência de TET venha a ser inibida perante tais processos de incongruência. De forma a garantir que a eventual inibição da TET se deve a processos espontâneos que ocorrem durante a codificação neste estudo introduzimos uma manipulação de sobrecarga cognitiva durante o teste.

Num segundo estudo, adoptando o mesmo paradigma do estudo anterior, e considerando a mesma situação de incongruência entre uma expectativa sobre uma marca e o traço implicado pelo comportamento pretendemos perceber qual a influência deste processo na própria Inferência Espontânea de Traço (IET). De acordo com Wigboldus et al. (2003), a IET pode ser inibida perante expectativas estereotípicas acerca do ator inconsistentes com o traço implicado pelo comportamento exibido por esse ator. Mas será que a IET poderá também ser inibida pela activação contextual de um traço inconsistente? Especificamente, se no mesmo contexto do comportamento (por exemplo, um comportamento implicativo do traço “inteligente”) for apresentada uma marca que activa um traço inconsistente (e.x., “estúpido”) será que a IET (i.e., a inferência de “inteligente”) será inibida? Em resumo, estes dois estudos permitem explorar o papel da incongruência entre a expectativa de traço acerca da marca e o traço implicado pelo comportamento tanto no processo de TET como no próprio processo de IET.

1.1 A Personalidade da Marca

No âmbito do Marketing e do Comportamento do Consumidor a temática acerca da personalidade de uma marca tem vindo a tornar-se num conceito bastante atraente (Ouwersloot & Todorica, 2001), não só por se ter tornando num das dimensões mais importantes na definição da estratégia de marketing mas também devido à sua proximidade com o consumidor (Aaker, 1996). Assim, a criação da personalidade da marca torna-se tão significativa para o consumidor como para o publicitário (Ouwersloot & Todorica, 2001).

No que diz respeito ao consumidor, este faz diariamente uso de uma determinada marca no processo de formação de impressões acerca de outros utilizadores dessa marca (Fennis & Pruyn, 2007). E por um lado, formamos impressões sobre aqueles que utilizam determinada marca, também é através dela que tentamos mudar a nossa própria imagem aos olhos dos outros, adaptando essa marca ao nosso *self* ou potenciando o nosso *self* ideal (cf., Aaker, 1997).

Relativamente ao publicitário, este faz uso da personalidade associada à marca para as distinguir das restantes no mercado (Aaker, Batra & Myers, 1992). A "humanização" da marca não só será útil para o lançamento da marca mas também para a sua manutenção e diferenciação no mercado. Vários autores referem mesmo que a personalidade da marca confere à mesma uma maior profundidade, aspeto este crucial para a sua identificação do consumidor com a mesma e perduração no tempo (Ouwersloot & Todorica, 2001). Um dos mecanismos de conceptualizar ou personificar a imagem da marca é através da atribuição de traços (Ouwersloot & Todorica, 2001). O estabelecimento destes traços de personalidade numa marca pode ser criada de uma forma direta ou indireta. Uma possibilidade para criar esta humanização indiretamente é através de associações marca-pessoa, nas quais as marcas podem tentar associar-se a pessoas que usam uma determinada marca, por exemplo, um amigo próximo ou um familiar. (Ouwersloot & Todorica, 2001). Autores como Lehmann e Singh (1993) sugerem também que a construção da personalidade de uma marca pode ser criada ao longo do tempo, através do conjunto das campanhas de marketing devido à acessibilidade ou não dos produtos, do tipo de produtos, do símbolo, do tipo de comunicação utilizada, do potencial da embalagem ou até da promoção de vendas. No entanto, este é um processo demasiado longo que pode certamente funcionar para marcas que há muito se encontram no mercado. Ainda assim, nos dias de hoje uma marca, sobretudo uma que esteja a entrar no mercado, necessita imediatamente de se distinguir das demais (Ouwersloot & Todorica, 2001).

O processo mais rápido para a criação da personalidade da marca é a transferência de um traço ou personalidade de uma pessoa. Porventura, uma das formas mais visíveis da criação da personalidade da marca é feita através de embaixadores, como celebridades. Desportistas (Cristiano Ronaldo, Messi, Isain Bolt), cantores (Shakira, Beyoncé) ou modelos (Cara Delevingne, Kate Moss) têm sido contratados ao longo dos anos no sentido de favorecer a imagem da própria marca e esta tendência será para aumentar (Erdogan & Baker, 2000). Vemos constantemente exemplos de marcas à procura de formar a sua própria personalidade através de campanhas publicitárias utilizando celebridades que possuam características semelhantes às idealizadas pela marca (Ouwersloot & Todorica, 2001). Por exemplo, do ponto de vista comercial é extremamente eficaz utilizar celebridades atraentes (e.g. modelos) para comunicar produtos de beleza (e.g. L'Oréal, Victoria's Secret) (Kamins, 1990) ou produtos específicos (e.g. Nike chuteiras) que sejam comunicados por peritos na área (e.g. futebolistas) (Till & Busler, 2000). Já para não referir que, existem dados que demonstram que o emparelhamento entre uma celebridade, fisicamente atraente (e.g. o ator Tom Selleck) com um determinado produto aumenta significativamente a sua credibilidade perante o público comparativamente com o seu emparelhamento com uma celebridade pouco atraente (e.g. Telly Savalas) (Kamis, 1990).

Mais recentemente tem vindo também a ser estudado no âmbito do Marketing qual o impacto para a marca quando a celebridade a que esta está associada tem perante o público uma imagem negativa (devido à sua própria personalidade ou o surgimento de um escândalo) (Simsek, 2014). Num estudo de Till e Shimp (1995) onde se estudou o impacto comercial e a opinião dos próprios consumidores sobre a eficácia da marca antes e depois do "escândalo", demonstrou-se, surpreendentemente que o impacto da imagem negativa sobre da celebridade associada à marca poderá ter interferido com a imagem da marca. Ainda, assim os resultados acabaram por ser inconclusivos.

Paralelamente, no presente estudo, pretendemos analisar este tipo de incongruência entre a marca e o comportamento exibido pelo ator. No entanto, o nosso foco principal está relacionado com o impacto que estes mecanismos podem ter na ocorrência de inferências e transferências espontâneas de traços, do comportamento do ator para a marca.

1.2 Inferência Espontânea de Traço

Desde há muito que se tem estudado o processo de formação de impressões, um processo que pode ocorrer com grande facilidade, rapidez e espontaneidade e que faz parte do nosso

quotidiano e interações sociais (Asch, 1946). Um dos processos centrais da formação de impressões é a inferência de traços de personalidade, um mecanismo fundamental para a construção da visão que temos sobre os outros indivíduos, tendo um papel predominante na organização sobre a percepção, armazenamento e recuperação sobre a informação que possuímos sobre as pessoas (Hastie & Kumar, 1979).

Numa fase inicial, o processo de inferências de traço a partir de um comportamento de outrem foi classificado como um processo de atribuição causal e de acordo com este princípio tal processo ocorreria apenas em situações pontuais, ou seja, quando temos recursos suficientes, tempo, intenção e motivação (Bargh, 1994). Estas características colocariam de lado a classificação das inferências de traço como processos automáticos, não planeados e inconscientes (Fiske & Taylor, 1991).

No entanto, de acordo com o modelo de Gilbert, Pelham e Krull (1988), a interpretação comportamental desenvolve-se em três fases complementares. A primeira de caracterização do comportamento, onde partindo da observação de uma ação identifica-se o tipo de comportamento da pessoa. Numa segunda etapa, categorização do ator, classifica-se a pessoa atribuindo-lhe um traço de personalidade de acordo com o comportamento observado (e.g. ansioso). Na última fase, fase de correção, a partir do ambiente e aspectos da situação em que o ator se encontra modifica-se ou não o traço atribuído. Se no caso em particular a pessoa que consideramos ansiosa está num consultório médico, a nossa percepção pode ser modificada de acordo com esse fato. Assim, enquanto as duas primeiras fases (de categorização do comportamento e de atribuição do traço do comportamento à pessoa que o exhibe) não envolvem muito esforço e atenção, a última implica um raciocínio consciente, ponderado e cognitivamente mais complexo.

Desenvolvendo esta noção de que as inferências de traço a partir de comportamentos podem ocorrer de forma relativamente automática, surgiu a investigação em Inferências Espontâneas de Traço (IET) (Winter & Uleman, 1984), um processo classificado como não intencional e inconsciente que ocorre quando um traço de personalidade é inferido a partir de um comportamento de um determinado ator (Uleman, Newman & Moskowitz, 1996).

Winter e Uleman (1984) oferecem as primeiras evidências para a ocorrência de IET, um processo que é descrito como inerente à compreensão de um comportamento. O pressuposto destes autores era que tanto a informação comportamental como o traço inferido são automaticamente codificados conjuntamente em memória. Para testar esta ideia os autores fizeram uso do paradigma de recordação guiada por pistas. O estudo consistia na memorização de um conjunto de frases implicativas de traços de personalidade (e.g. “O

bibliotecário carregou as compras de mercearia da senhora de idade”, que implica o traço “prestável”) e posterior recordação das frases através de uma "pista", que poderia ser o traço de personalidade implicado pela frase (e.g. “prestável”), outra palavra com forte associação semântica (e.g. “livro” associado a bibliotecário), ou ainda, sem qualquer acesso a alguma pista. De acordo com previsões, as pistas de traço de personalidade revelaram ser facilitadoras do processo de recordação das frases, tão ou mais do que as pistas semânticas, o que sugere que o traço foi espontaneamente inferido na fase de codificação do comportamento e foi representado conjuntamente com o comportamento em memória.

No entanto, algumas críticas foram apontadas a este paradigma de recordação guiada por pistas. Por exemplo, os traços de personalidade utilizados como pistas podem ter ajudado os participantes a recordar as frases por estarem relacionados na memória a protótipos comportamentais desses traços (um processo que pode ocorrer apenas na fase de teste) e não necessariamente porque os participantes tenham realizado inferências durante a fase de codificação (Carlston & Skowronski, 1994).

Carlston e Skowronski (1994) comprometeram-se a estudar a IET através de um outro paradigma experimental, o paradigma da reaprendizagem. Este paradigma foi inicialmente introduzido por Ebbinghaus (1885) de forma a estudar a memória e os processos de aprendizagem. A ideia genérica subjacente a este procedimento é que informação que já se encontra presente na memória é mais facilmente reaprendida (Carlston & Skowronski, 1994).

Assim, no paradigma de reaprendizagem, numa primeira fase de exposição são apresentadas aos participantes uma série de fotos de faces de indivíduos, cada uma emparelhada com uma descrição comportamental (e.g. "Hoje de manhã não me apeteceu levantar da cama.", que implica o traço "preguiçoso"). Seguidamente, numa segunda fase de aprendizagem, são expostos um novo conjunto de estímulos, fotos de indivíduos, cada uma emparelhada com um traço. Para certos ensaios trata-se apenas de pares de reaprendizagem, uma vez que a foto é emparelhada com um traço implicado pelo comportamento prévio do actor (i.e., algo já previamente associado na fase de aprendizagem). Para outros ensaios, estamos perante pares controlo, onde são apresentados aos participantes novos pares foto-traço. Numa última fase de recordação, são apresentadas as fotos da segunda fase, e os participantes devem recordar e escrever o traço que lhes estava associado na fase anterior. De acordo, com a premissa de Ebbinghaus (1885), só se deverá verificar a “reaprendizagem” para os pares de re-aprendizagem caso tenha ocorrido IET na fase de exposição. Os resultados demonstraram que ocorreram claramente ganhos de aprendizagem, sendo que a recordação

era significativamente mais elevada em ensaios de reaprendizagem em comparação com a aprendizagem nos ensaios controlo (Carlston & Skowronski, 1994).

Uma das vantagens d este paradigma consiste no facto de ter evidenciado que as inferências estão ligadas à representação do ator e não somente à descrição do comportamento (Ramos, 2009). Desta forma, o paradigma da reaprendizagem torna-se num paradigma adequado para estudar a espontaneidade das inferências de traço. No entanto, outros estudos revelaram uma grande dificuldade em atestar a espontaneidade do traço através deste paradigma, mais especificamente devido ao facto do efeito de *savings* ocorrer mesmo quando a imagem retrata um ator a descrever o comportamento de outrem ou um objecto, o que pode sugerir que aquilo que o paradigma está a captar são na verdade meros processos associativos não-inferenciais (Brown & Bassili, 2002; Ramos, 2009).

Por esta razão, Todorov e Uleman (2002) com o intuito de estudar a ligação ator-traço propõem outro paradigma para o estudo das IET – o paradigma dos falsos reconhecimentos. Neste paradigma, na primeira fase, é solicitado aos participantes que memorizem um conjunto de imagens de indivíduos emparelhadas com um comportamento por eles exibido. Em algumas das frases é incluído explicitamente o traço implicado pelo comportamento (e.g. “O André é tão agressivo que ameaçou bater-lhe caso ela não retirasse o que tinha dito”), enquanto noutras, o traço não está explicitamente incluído ainda que possa ser inferido (e.g. “Ele ameaçou bater-lhe caso ela não retirasse o que tinha dito”). Na segunda fase, os participantes completam uma tarefa de reconhecimento, onde as fotos previamente apresentadas são emparelhadas com um traço. Em alguns ensaios, cada foto é emparelhada com o traço que estava presente explicitamente na frase, noutros a foto é emparelhada com o traço implicado pelo comportamento do actor (ensaios “match”), e ainda noutros com o traço implicado por um comportamento de outro actor (ensaios “mismatch”). A tarefa dos participantes consiste em identificar, para cada estímulo-face se aquele traço foi sido explicitamente apresentado na frase anteriormente emparelhada com aquela foto.

Supostamente, para os traços implicados pelo comportamento, estes deveriam ter sido considerados como novos pelos participantes, pois nunca foram incluídos nas frases. Porém, de acordo com os resultados encontrados, as frases implicativas de traço levam a falsos reconhecimentos, verificando-se um número mais elevado de falsos reconhecimentos nos ensaios “match” do que nos ensaios “mismatch”. Tal indica que os participantes inferiram espontaneamente os traços durante a leitura dos comportamentos e associaram-nos ao ator do comportamento. Estes resultados vêm reforçar a natureza espontânea da IET uma vez que, segundo Todorov e Uleman (2002), nesta tarefa seria completamente desvantajoso para os

participantes recorrerem à inferência como pista de recordação na altura do teste, porque tal iria dificultar ainda mais a tarefa.

Dos estudos descritos, decorrem evidências empíricas de que quando se descreve comportamentos implicativos de traço relativamente a um indivíduo, esses traços são espontaneamente inferidos a partir do comportamento e associados a esse mesmo indivíduo (Uleman, Newman & Moskowitz, 1996). As inferências de traço que fazemos deste modo a partir de comportamentos são certamente uma fonte vital de informação acerca dos outros que nos rodeiam.

1.3 Transferência Espontânea de Traço

Uma condição completamente inesperada parece, no entanto, constituir também uma fonte de informação acerca dos outros: aquilo que uma pessoa comunica acerca de outrem. Na verdade, as pessoas associam de forma espontânea traços de personalidade a comunicadores quando estes descrevem o comportamento de outrem (Carlston, Skowronski & Sparks, 1995). A possibilidade de o traço inferido a partir de um comportamento poder ficar associado a outra entidade que não o ator desse comportamento é designado de Transferência Espontânea de Traço (TET).

O processo de TET difere em grande escala do de IET. Numa das conceções possíveis sobre a temática, o indivíduo descreve o seu comportamento e assim, em primeira instância ativa-se o traço implicado pelo comportamento. Seguidamente esse traço é atribuído ao actor, produzindo-se uma ligação inferencial entre a representação mental do traço e o actor (IET). Finalmente, o percipiente pode aceder à ligação inferencial para produzir qualquer julgamento sobre o informador (Wells et al., 2011).

Contrariamente, o processo da TET depende de uma ligação associativa, de acordo com a proposta de Skowronski et al. (1998). Neste caso, o comunicador descreve o comportamento de outrem e neste processo o traço implicado pelo comportamento fica ativo (ativação do traço). Uma vez ativado o traço, é formada na memória uma ligação associativa entre a representação mental do comunicador e o traço (associação de traço). Mais tarde, quando é pedido um julgamento sobre o comunicador, o participante erroneamente usa informação da ligação anteriormente estabelecida comunicador-traço para fazer um julgamento acerca do mesmo (influência do traço). Por exemplo, se o Rui menciona que o João disse ao empregado de caixa que este lhe tinha dado troco a mais, o Rui também ficará associado ao traço “honesto” (ainda que menos que o João) (Wells et al., 2011). Todavia, como na TET não são

usadas teorias implícitas de personalidade, quando transferem o traço os percepientes não vão para além da informação fornecida, não sendo assim criada uma generalização avaliativa do comunicador (e.g. o Rui será apenas considerado honesto, não se estendendo a sua avaliação psicológica para outros traços) (Skowronski et al. 1998; Crawford, Skowronski, Stiff & Scherer, 2007).

As primeiras evidências de TET surgiram no estudo realizado por Carlston et al. (1995, Experiência 4) no qual foi utilizado o paradigma de reaprendizagem. Os participantes eram instruídos a familiarizar-se com uma série de fotografias de comunicadores emparelhadas com descrições de comportamentos implicativos de traços. Estes comunicadores estavam a realizar uma descrição sobre outras pessoas que não eram vistas pelos participantes durante a experiência, sendo as descrições realizadas na terceira pessoa e sobre alguém cujo género era o oposto ao do comunicador (para que não houvesse dúvidas que o comportamento *não* pertencia à pessoa mostrada na foto). Os resultados demonstraram um efeito de reaprendizagem para os pares fotografia do comunicador-traço. Assim, ficou demonstrada a existência de uma associação entre o traço e o comunicador do comportamento i.e., TET (Carlston et al., 1995).

Ideia semelhante foi estudada por Skowronski et al. (1998), que estendeu os resultados anteriores ao demonstrar que os traços implicados nas descrições dos comunicadores influenciavam posteriormente os julgamentos de traços acerca dos comunicadores. Neste caso, os autores substituíram a tarefa de memória final por uma tarefa de avaliação em escalas de traço. Verificou-se que, se o comunicador descrevesse uma outra pessoa através de um comportamento implicativo do traço honesto, por exemplo, este traço ficava associado ao comunicador, sendo este julgado pelos participantes como sendo honesto. Para além disso, Skowronski e colaboradores demonstram que as TETs são específicas relativamente ao traço implicado; ou seja, nos seus julgamentos de traço, os participantes não iam para além da informação que lhes era sugerida pelo comportamento e não generalizavam do traço transferido para outros traços relacionados com o traço implicado para o comunicador (embora tal generalização de traço ocorra no caso das IET).

Também Brown e Bassili (2002) apoiam a natureza meramente associativa da TET. Adaptando o paradigma de reaprendizagem, verificaram que a transferência de traços também é possível de ocorrer para objetos inanimados. Neste estudo, numa primeira fase era apresentado um trio de estímulos, ou um comportamento e duas faces (do ator do comportamento e de outrem), ou um comportamento, uma face e um objecto inanimado em relação ao qual não é possível a atribuição de traços de personalidade. Na fase de

aprendizagem eram apresentados ou pares de estímulos face/objeto + traço antigos (onde a face ou objeto eram apresentados com o traço implicado pelo comportamento com eles emparelhado na primeira fase do teste), ou pares novos (onde a face ou o objeto eram apresentados com um novo traço).

Os resultados de Brown e Bassili (2002) demonstraram a inexistência de diferenças significativas na recordação dos traços apresentados quer estes se referissem a um ator ou a um objeto presente naquele contexto. Esta experiência tornou-se, deste modo, uma demonstração da associação de traços para objectos inanimados sobre os quais não são normalmente atribuídas quaisquer características de personalidade. Sugere por essa razão que a TET resulta sobretudo de associações automáticas que são formadas em memória durante a categorização das descrições dos comportamentos e outros estímulos, como atores, espectadores ou objectos inanimados que sejam parte do contexto que conduziu à activação dos traços (Brown & Bassili, 2002).

Se Brown e Bassili (2002) mostraram a possibilidade de IET e TET de traços de personalidade de atores para objectos inanimados, Carlston e Mae (2006) conseguiram obter evidências para o processo inverso, de objeto para atores.

Numa adaptação do paradigma da reaprendizagem, Carlston e Mae (2006), em vez da utilização de objetos inanimados sobre os quais não atribuímos traços, focaram o seu estudo em símbolos. Símbolos sobre os quais habitualmente se conferem algum tipo de significado (e.g. “Rosa”- “Romântico”; “Bandeira” – “Patriótico”).

Os autores realizaram dois estudos e em ambos os participantes foram expostos a um conjunto de fotos de indivíduos desconhecidos que poderiam estar emparelhadas com um símbolo ou aparecer isoladamente.

Numa segunda, fase era solicitado aos participantes que através de três escalas do tipo Likert avaliassem os participantes. Esta avaliação poderia ser de acordo com o traço implicado pelo símbolo, de um traço incongruente ou congruente com o símbolo.

As evidências encontradas demonstram que existe uma maior probabilidade de ocorrência de TET (do símbolo para o ator) quando os símbolos são implicativos de um traço mesmo em situações em que foi referido aos participantes que os símbolos são apropriados para descrever o ator (Experimento 1) ou em situações em que foi sugerido aos participantes que o emparelhamento entre o símbolo e o ator foi totalmente aleatório.

1.4 Natureza do processo subjacente à IET e à TET: Processos atribucionais e associativos

Subjacente à codificação das descrições de comportamentos considera-se estar dois tipos de processos distintos: associativos e atribucionais (Carlston & Skowronski, 2005).

Um processamento de natureza associativa pode ser caracterizado como uma atividade que produz ligações genéricas que não estão intrinsecamente ligadas à memória, sendo apenas o resultado de uma contiguidade espaço-temporal dos constructos; estes processos são bastante superficiais uma vez que não implicam estruturas de conhecimento prévias (Carlston e Skowronski, 2005).

Contrariamente, o processamento atribucional implica uma atividade mental mais profunda, uma maior elaboração do conhecimento, sendo este o resultado da formação de vínculos associativos rotulados que designam uma construção como uma propriedade de outro (Carlston & Smith, 1996). Esse processo não requer uma análise consciente e intencional, somente a ativação e uso do conhecimento de atribuição (Carlston e Skowronski, 2005). Como consequência, esse processo é suscetível de refletir os princípios gerais e os fenómenos descritos por teorias clássicas de atribuição (Heider, 1958; Jones & Davis, 1965; Kelley, 1967).

Deste modo, as representações mentais produzidas pelo processamento associativo ou atribucional devem diferir em dois aspetos: a força da ligação entre pessoa e a característica e a sua espontaneidade (Carlston e Skowronski, 2005). Nos processos associativos é criado na memória um elo mais fraco, onde o traço "apenas está associado a", sendo que esta ligação não deriva de um conhecimento prévio, por esta razão aponta-se que este é um processo totalmente espontâneo e que deriva de pouco esforço cognitivo (Carlston e Skowronski, 2005). Por sua vez, os processos atribucionais são compostos por ligações mais consistentes, onde o traço passa a ser propriedade da pessoa (Carlston e Skowronski, 2005).

Carlston e Skowronski (2005) ao analisarem as diferenças existentes entre as IET e as TET, concluíram que a IET depende de um processo atribucional enquanto que às TET estão subjacentes processos associativos simples. Baseados nas teorias de atribuição (Jones & Davis, 1965; Kelley, 1967) que propõem que as atribuições realizadas a partir de comportamentos negativos são mais fortes quando comparadas com as realizadas a partir de comportamentos positivos, Carlston e Skowronski (2005) averiguam se os traços negativos tinham um maior peso nas IET, contrariamente ao que seria esperado para as TET. Mais uma vez recorrendo ao paradigma da reaprendizagem e usando um número igual de traços

negativos e positivos, os autores chegaram à conclusão que o efeito da negatividade teve um enorme peso nas IET, apoiando a ideia que a estas podem estar subjacentes processos atribucionais. Relativamente à TET, não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os traços positivos e negativos, ou seja, não houve efeito de negatividade, sugerindo que as TET dependem de processos associativos.

Para além disso, outro aspecto importante que distingue a natureza da IET e da TET diz respeito ao facto de na TET não se realizar uma avaliação generalizada acerca das características de personalidade do comunicador (Carlston e Skowronski, 2005). Ou seja, quando um comunicador descreve um comportamento implicativo do traço "honesto", por exemplo, não ocorre uma generalização para outros tipos de traços semelhantes. O mesmo já não acontece com a IET, provavelmente devido à sua natureza atribucional.

Concluindo, tanto Carlston e Skowronski (2005), como Crawford, et al. (2007) defendem que na TET não ocorre um processamento atribucional da informação, semelhante ao que acontece com as IET e nas inferências intencionais, resultando a TET de um processo associativo. A TET será então uma consequência da contiguidade espaço-temporal resultante da manipulação experimental, que se deve ao facto de em um momento uma foto estar emparelhada com comportamento que implica fortemente um traço, envolvendo por isso um processamento superficial da informação (Carlston e Skowronski, 2005).

1.5 IET e TET: Ator/Objecto e Objecto/Ator

Como já mencionado, as possibilidades de ocorrência de TET podem ser bastante diversificadas, sendo que este processo se pode verificar para atores incidentalmente presentes no contexto (Carlston, Skowronski & Sparks, 1995), para objectos inanimados (Brown & Bassili, 2002), ou mesmo para símbolos (Carlston & Mae, 2006)

Adicionalmente, também Caetano (2008) e Ferreira (2009) testaram a possibilidade ocorrência de TET para além das possibilidades apresentadas de objectos inanimados ou símbolos. Caetano (2008) e Ferreira (2009), focaram assim o seu estudo na possibilidade de ocorrência de TET de atores para objectos, ou seja, logotipos de marcas.

À semelhança com o estudo de Brown e Bassili (2002), também numa adaptação do paradigma da reaprendizagem, Caetano (2008) propõe a substituição de um objecto inanimado (e.g. banana) sobre o qual não atribuímos quaisquer traços de personalidade para uma marca, que tem já por si uma personalidade associada. Assim, numa fase de exposição foi pedido aos participantes para memorizarem um trio de estímulos: uma fotografia da face

de um indivíduo, uma descrição de um comportamento desse indivíduo, e um logotipo de uma marca fictícia pré-testado como elicitando uma determinada associação de traço. De seguida, numa fase de aprendizagem, os participantes eram instruídos a aprenderem um conjunto de pares de estímulos, compostos por pares de fotos-traço e logotipo-traço. Por fim, numa fase de recordação guiada (*cue-recall*), os participantes eram expostos ou uma foto ou um logotipo (anteriormente apresentados) para recordar o traço que com ele tinha sido emparelhado. Neste paradigma parte-se do pressuposto de que se as associações entre os indivíduos e o traço, ou entre o logótipo e o traço foram estabelecidas durante a fase de exposição, os participantes devem recuperar mais facilmente os traços dos ensaios de reaprendizagem (i.e., ensaios em que a foto ou o logótipo é apresentado com o traço implicado pelo comportamento com ele anteriormente emparelhado) do que os de controlo (i.e., ensaios em que a foto ou o logótipo é apresentado com um traço novo). Tal como previsto, Caetano (2008) demonstrou que a TET pode verificar-se para marcas.

Ferreira (2009) replicou estes resultados e, ao incluir uma condição de controlo na qual as marcas não tinham expectativas associadas, testou eventuais mecanismos de inibição ou facilitação. Para além da replicação da ocorrência de TET de comportamentos para marcas, foi possível sustentar que as expectativas são um condicionante na facilitação ou inibição da TET. Isto significa que para marcas reais (sobre as quais os participantes possivelmente possuíam uma expectativa) não foi verificada a ocorrência de TET. O mesmo não se verificou com as marcas desconhecidas em que a TET não sofreu qualquer interferência.

Comprovada a ocorrência de transferência de traços de personalidade de atores para marcas, tem sido pouco explorado na literatura a influência que as expectativas acerca do alvo da transferência podem ter sobre essa transferência, sobretudo se o comportamento do ator tiver implicações de traço incongruentes com a expectativa acerca da marca. Anselmo (2014) e Clérigo (2013) estudaram estes processos numa adaptação do paradigma da reaprendizagem e comprovaram o impacto inibitório da incongruência na transferência de traços da marca para o seu utilizador. Ainda assim, este processo é inverso ao que pretendemos testar no presente estudo.

A questão que se coloca é a de saber se no processo de transferência de traços do ator de um comportamento para a marca também se poderá verificar uma obstrução da TET. Ou seja, será que perante um comportamento implicativo de traço, esse traço inferido espontaneamente é transferido para a marca incidentalmente presente, independentemente do conhecimento prévio acerca da mesma ser ou não incongruente com o traço a transferir?

Este processo foi estudado por Jerónimo et al. (em preparação) numa adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2003). Numa primeira fase era criada uma expectativa acerca da marca, levando os participantes a memorizar uma associação marca-palavra (sendo ela ou um traço de personalidade, ou uma palavra neutra, este último caso constituindo uma condição controlo na qual a marca não teria expectativa associada). Após esta fase, era solicitado ao participante a memorização de um trio de estímulos: uma marca (com ou sem expectativa de traço associada pela fase anterior), uma face de uma pessoa, e um comportamento exibido por essa pessoa (que seria ou não implicativa de um traço). Numa última fase, de atribuição de traço, era sugerido ao participante que, numa escala de Likert, indicasse em que medida o traço de personalidade implicado pelo comportamento caracterizava a marca apresentada na fase anterior emparelhada com esse comportamento.

Jerónimo e colaboradores (em preparação) verificaram que quando uma marca tem uma expectativa não relacionada com o traço implicado pelo comportamento, este traço é transferido para a marca de igual forma como quando estamos perante uma marca sem expectativa. No entanto, quando a marca era incongruente com o traço implicado pelo comportamento a transferência foi obstruída (tendo por base uma comparação com os ensaios sem expectativa). Para se testar se a baixa transferência para as marcas com expectativa incongruente é o resultado de uma verdadeira inibição, a transferência nos ensaios incongruentes foi comparada com a transferência que ocorre quando o comportamento emparelhado com a marca era neutro e, como tal, não permitiria ocorrência de TET. Esta comparação permitiu verificar que existe menos atribuição de traço quando esse traço é o implicado pelo comportamento e a marca alvo da transferência é incongruente com esse traço, em comparação com quando esse traço é um traço novo. Os autores concluíram então que o processo de transferência foi inibido perante a incongruência entre o traço associado a uma marca e o traço implicado por um comportamento exibido por um ator.

Todavia, uma das limitações deste estudo é a impossibilidade de se rejeitar a intervenção de processos que ocorrem apenas durante o teste como explicação alternativa dos resultados. A inexistência de uma tarefa de confusão, sobrecarga cognitiva, ou intervalo temporal que impeça os participantes de, na fase de atribuição de traço, recordar os comportamentos que tinham sido apresentados na fase anterior, impede que se conclua com segurança que os resultados dependem de processos espontâneos que ocorrem aquando da codificação do comportamento. Desta forma, não é definitivo se o estudo capta processos de recordação/memória (que ocorrem no teste) ou processos de inferência ou transferência espontânea de traço (que ocorrem na codificação). O primeiro estudo do presente trabalho

explora este aspeto, introduzindo pressão temporal na fase de teste, pretendendo-se assim reforçar a natureza espontânea da TET e sua inibição.

Até ao momento, a TET tem vindo a demonstrar uma grande robustez e persistência. A TET ocorre quando os participantes são informados sobre a natureza do seu efeito e lhes é pedido para o evitarem (Carlston & Skowronski, 2005), ocorre também após alguns dias de diferença entre a fase de exposição e de teste (Skowronski et al., 1998), e pode ainda ocorrer quando os participantes estão em sobrecarga cognitiva (Wells et al., 2011). Ainda, Wells et al. (2011) demonstraram mesmo quando é utilizada uma tarefa de memorização de dígitos na fase de codificação, surpreendentemente (devido à sua diferença de natureza processual), os efeitos tanto da IET como da TET persistem de forma igualitária, ainda que a capacidade de recordação dos traços de personalidade reduza cerca de 50% em comparação com a condição de controlo.

No entanto, a manipulação de sobrecarga cognitiva nunca foi realizada durante a fase de teste. Tal é fundamental para excluir uma interpretação dos resultados de Jerónimo et al (em preparação) com base em processos que ocorrem apenas no teste, constituindo então este o objectivo principal do Estudo 1.

Num segundo estudo, tendo também por base os resultados já evidenciados por Jerónimo et al. (em preparação), pretendemos averiguar quais as implicações, para a IET, da presença incidental de uma marca incongruente com o traço implicado a partir do comportamento. Tendo sido já demonstrado que a incongruência entre o traço implicado pelo comportamento e o alvo da transferência, afeta a TET, poder-se-á questionar se apenas a transferência em si mesma ficou inibida, ou se a própria inferência do traço a partir do comportamento (i.e., a IET) foi também dificultada ou inibida. No que diz respeito à literatura da IET, poucos estudos exploram a ocorrência destes processos de incongruência.

Uma excepção é o estudo de Wigboldus, Dijksterhuis e van Knippenberg (2003) que revelou que a incongruência das expectativas estereotípicas prévias acerca dos indivíduos influencia o processo de IET. Para tal, utilizaram estereótipos congruentes (e.g. "o professor ganhou um concurso de ciência") ou estereótipos incongruentes (e.g. "o homem do lixo ganhou um concurso de ciência.") com o traço a ser transferido, no caso em concreto "inteligente". Após a apresentação de cada frase era apresentada uma palavra para que o participante indicasse, o mais rápido e corretamente possível, se estava ou não presente na frase imediatamente apresentada. Os participantes demoraram mais tempo a rejeitar um traço como não estando presente na frase quando esse traço era implicado pelo comportamento. No entanto, esta dificuldade desapareceu quando na frase tinha sido ativado um estereótipo

incongruente com o comportamento. Tal indica que a IET é menos provável quando são ativados estereótipos incongruentes com as implicações de traço do comportamento.

No Estudo 2 do presente trabalho exploraremos este fenómeno de inibição da IET como resultado da ativação de expectativas incongruentes ocorre quando essas expectativas dizem respeito não ao ator do comportamento ele mesmo (como no estudo de Wigboldus et al., 2003) mas sim a um alvo incidentalmente presente no mesmo contexto do comportamento (i.e., a marca).

1.6 A presente proposta

No presente trabalho pretendemos contribuir para uma melhor compreensão da influência que expectativas acerca de uma marca têm quando estas são incongruentes com o traço implicado pelo comportamento, tanto para a ocorrência de TET (Estudo 1), como de IET (Estudo 2).

Em ambos os estudos será utilizada a adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2002) realizada por Jerónimo et al. (em preparação). Assim, após o estabelecimento de uma expectativa de traço acerca da marca (e.g. “descontraído”), essas marcas serão emparelhadas com comportamentos implicativos de traço, que tanto podem implicar um traço incongruente com o da marca (e.g. “Começou a suar mal a professora chamou o seu nome” implicado o traço “nervoso”), como implicar um traço não relacionado (i.e., de uma dimensão de personalidade ortogonal) (e.g. “Ameaçou bater-lhe caso ela não retirasse o que tinha dito” implicando o traço “agressivo”) com o traço associado à marca.

No primeiro estudo, procuraremos replicar as evidências obtidas por Jerónimo et al. (em preparação) de que a presença de uma marca com uma expectativa incongruente com o traço inferido a partir do comportamento inibir a TET do traço do ator para a marca, mas em condições em que não é dada possibilidade de recuperação do comportamento na fase de atribuição de traço. Espera-se analisar a natureza do processo de inibição da TET através da introdução de uma tarefa de sobrecarga cognitiva (pressão temporal) durante o teste.

Num segundo estudo, adoptando o mesmo paradigma do estudo anterior, e tendo em consideração o mesmo processo de incongruência entre uma expectativa sobre uma marca e o traço inferido a partir do comportamento pretendemos perceber qual a influência deste processo na IET.

Com estes dois estudos pretendemos, por um lado, contribuir para uma compreensão mais aprofundada do processo de IET e de TET, nomeadamente explorando os potenciais

limites à ocorrência de TET e o papel que as IET podem ter a este nível. Procuramos, ainda dar algum contributo para o âmbito do Comportamento do Consumidor e do Marketing.

CAPÍTULO II

ESTUDOS EMPÍRICOS

2.1. Estudo 1

No estudo das TET pouca importância tem sido dada à relevância que as expectativas acerca do alvo da transferência têm sobre aquele processo. Dos escassos estudos existentes, destaca-se Jerónimo et al. (em preparação) que, numa adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2002), mostrou que a expectativa sobre o alvo da transferência inibe a TET quando essas expectativas são incongruentes com o traço inferido a partir do comportamento e a transferir para o alvo. Todavia, uma das limitações deste estudo é a impossibilidade de se rejeitar a intervenção de processos que ocorrem apenas durante o teste como explicação alternativa dos resultados. Na tarefa adotada por Jerónimo e colaboradores, os participantes poderão adotar como estratégia de resposta na fase de atribuição de traço, recordar os comportamentos que tinham sido apresentados na fase anterior e, a partir deles, tomar então a decisão acerca de quão representativo o traço em causa é da personalidade do alvo. Fica assim é pouco perceptível que se conclua com segurança que os resultados dependem de processos espontâneos que ocorrem aquando da codificação do comportamento, e não de processos de recordação (que ocorrem no teste).

O presente estudo pretende colmatar esta limitação, e assim, replicar o estudo de Jerónimo et al. (em preparação) propondo adicionalmente a inclusão de pressão temporal na fase de atribuição de traço. O facto de os participantes terem de responder muito rapidamente impedirá que os mesmos utilizem estratégias de recuperação dos comportamentos apresentados anteriormente, fornecendo maior garantia que os resultados dependem de processos de inferência/transferência que ocorreram durante a codificação. Apesar da TET ter vindo a demonstrar uma grande robustez e persistência (Carlston & Skowronski, 2005; Skowronski et al., 1998; Wells et al., 2011), a manipulação de sobrecarga cognitiva nunca foi realizada durante a fase de teste. Tal é indispensável para excluir uma interpretação dos dados com base em processos que ocorrem apenas no teste.

As hipóteses para este estudo são:

1- Quando não há expectativa acerca da Marca, espera-se que haja ocorrência de TET. Tal será expresso numa maior atribuição à marca do traço implicado pelo comportamento quando a marca foi codificada com um comportamento implicativo desse traço comparativamente a quando foi codificada com comportamentos neutros, ou seja, do que quando não existe possibilidade de ocorrer transferência;

2- Quando a expectativa acerca da Marca não se relaciona com o traço a ser transferido, espera-se que ocorra uma interferência com o processo da TET. Deste modo, a atribuição à

marca do traço implicado pelo comportamento será equivalente quando a marca foi codificada com um comportamento implicativo de um traço ortogonal e quando a marca não tinha expectativa;

3- Quando a expectativa acerca da Marca é incongruente com o traço a ser transferido, verificar-se-á uma inibição da TET. Tal irá manifestar-se numa menor atribuição de traço à marca do traço implicado pelo comportamento quando a marca foi codificada com um comportamento implicativo de um traço incongruente/antagónico ao associado à marca, comparativamente com quando a marca foi codificada com um comportamento implicativo de traço (nos casos onde não existe expectativa) ou com implicações de traço não relacionadas com a expectativa acerca da marca;

2.1.1. Método

Desenho Experimental

2 Versão de lista de aprendizagem associativa (A vs B) X 2 Versão da lista de teste (I vs II) X 2 Expectativa da Marca (presente vs ausente) X 3 Tipo de comportamento (não relacionado vs incongruente vs neutro) X 2 Escala (Traço associado à Marca vs. Traço implicado pelo Comportamento), com os três últimos factores a variar intra-participantes.

Participantes

Neste estudo participaram 73 estudantes universitários, de ambos os sexos, do 1º ano da Licenciatura em Psicologia do ISCTE-IUL, no âmbito da unidade curricular de Percepção, Atenção e Memória, recebendo cada um dos participantes 0.5 créditos pela participação. Em cada sessão, existiram 4 participantes, sendo que os mesmos foram aleatoriamente distribuídos pelas quatro versões do set de estímulos (aI = 19, aII= 19, bI= 16, bII= 19).

Material e Construção de conjunto de estímulos

Os materiais adotados foram os mesmos que os usados por Clérigo (2013) e Anselmo (2014). Foram utilizados 36 logotipos reais de marcas, pré-testadas por Ferreira (2009) de modo a serem desconhecidas em Portugal e não terem nenhuma associação de traço particular prévia. A utilização destes logótipos permitirá, posteriormente, a criação de associações de traços às marcas, o que possibilitará o controlo sobre a manipulação de expectativas acerca da marca (Anexo A). Consistiam em 36 faces de indivíduos do sexo masculino, caucasianos,

com idades compreendidas entre os 18 e 29 anos e que haviam sido previamente pré-testadas por Minear e Park (2004) como ilustrativas de expressões neutras (Anexo B).

Foram também adotados 24 comportamentos implicativos de traço (Anexo C), 12 de valência positiva e 12 de valência negativa, pré-testados por Reis, Ramos e Ferreira (em preparação) como implicativos do traço respetivo, e 12 pré-testados por Jerónimo (2003) como não implicativos de traço (Anexo D). Finalmente, os 18 traços de personalidade a serem associados inicialmente às marcas tiveram por base a distribuição de traços do espaço de Rosenberg (adaptado por Ferreira, Garcia-Marques, Toscano, Carvalho & Hagá, 2011), e as 18 palavras neutras recolhidas das listas de categorias de Marques (1997) (Anexo E).

Procedimento

Para a apresentação das instruções, estímulos e obtenção da recolha de dados, recorreu-se ao *software* E-Prime 2.0 (Schneider, Eschman & Zuccolotto, 2002). Cada participante respondeu individualmente, num computador, ao estudo.

Os participantes foram instruídos que a experiência teria 3 fases diferentes e em cada uma delas era descrito que tipo de tarefa se iria realizar: uma fase de aprendizagem associativa, uma fase de estudo, e uma fase de atribuição de traço.

Fase de Aprendizagem Associativa. A fase de aprendizagem associativa consistiu na memorização de 36 pares de logotipo-palavra. Nesta fase, em 18 destes ensaios os logotipos foram emparelhados com uma palavra neutra (e.g. moldura), correspondendo aos ensaios de “marcas sem expectativa”. Nos restantes 18 ensaios, os logotipo das marcas foram emparelhados com um traço de personalidade (e.g. honesto), correspondendo a “marcas com expectativa”. Após a apresentação de um ensaio de prática, cada par logotipo-palavra (logótipo à esquerda e palavra à direita do ecrã) era apresentado no ecrã durante 3 segundos. Os 36 pares logotipo-palavra foram apresentados aleatoriamente e no fim deste bloco de apresentação era realizada uma tarefa de recordação, onde a partir do logotipo era pedido para o participante escrever a palavra que lhe tinha sido associada. A sequência de apresentação dos estímulos logotipo-palavra seguida da tarefa de recordação foi repetidas 4 vezes de forma a maximizar a criação de expectativas em relação à marca (Anexo F).

Fase de Estudo. Numa segunda tarefa, foi pedido aos participantes para memorizarem um trio de estímulos constituídos por: logotipo (apresentados à esquerda no ecrã) apresentados na fase anterior (e sobre os quais o participante já possuiu ou não uma expectativa de traço associada), fotografia de uma face (apresentada à direita), auto-descrição de um comportamento do indivíduo da foto (apresentada abaixo dos estímulos anteriores)

(Anexo G). Após um ensaio de prática, cada participante visualizou 36 ensaios desses trios, apresentados aleatoriamente, e cada um apresentado durante 8 segundos.

Dos 36 ensaios, 18 incluíam uma marca que tinha sido previamente associada a um traço (marca com expectativa) e 18 uma marca sem traço previamente associado (marca sem expectativa). Dos 18 ensaios envolvendo uma marca com expectativa, em 6 a marca era emparelhada com um comportamento implicativo de um traço incongruente com o traço associado à marca. Por exemplo, um logótipo anteriormente associado com o traço “descontraído” foi emparelhado com o comportamento implicativo do traço “nervoso” (e.g. “Começou a suar mal a professora chamou o seu nome”), remetendo assim para um traço oposto ao apresentado na fase de aprendizagem associativa. Ainda de entre os 18 ensaios envolvendo uma marca com expectativa, em 6 ensaios a marca era emparelhada com um comportamento implicativo de um traço não relacionado com o traço associado à marca. Por exemplo, um logotipo previamente associado com o traço “persistente” foi emparelhado com o comportamento implicativo do traço “engraçado” (e.g. “As histórias dele fazem as pessoas rir tanto que nem se aguentam em pé”), implicando um traço de dimensão ortogonal ao traço apresentado na fase de aprendizagem associativa. Finalmente, e ainda para os ensaios envolvendo marcas com expectativa, em 6 ensaios elas foram emparelhadas com um comportamento neutro, i.e., sem implicações de traço. Por exemplo, o logotipo com a expectativa de “arrogante” foi emparelhado com um comportamento não implicativo de traço (e.g. “Comeu um bife com batatas fritas”).

Para as 18 marcas sem um traço associado, foram visualizados 12 ensaios com um comportamento implicativo de traço e 6 ensaios com um comportamento neutro. Assim, por exemplo, o logotipo previamente associado à palavra “areia” foi apresentado conjuntamente com um comportamento implicativo do traço “humilde” (e.g. “Achou que não merecia o prémio e o louvor que recebeu”), no primeiro caso, ou o logotipo previamente associado à palavra “biombo” foi apresentado com o comportamento neutro (e.g. “Saiu para comprar uma peça de roupa”).

Fase de Atribuição de Traço. Nesta terceira e última fase, foi pedido que para cada um dos logótipos das marcas apresentadas das fases anteriores, os participantes indicassem até que ponto a marca possui um determinado traço de personalidade. Nesta tarefa era usada uma escala de Likert de 9 pontos (onde 1 corresponde a nada e 9 corresponde a muito). Os pares logótipo-traço eram apresentados aleatoriamente e durante apenas 2.5seg, à semelhança da pressão temporal introduzida por Todorov e Uleman (2004) na fase de codificação de informação. Esta é, aliás, a única diferença entre o presente estudo e o de Jerónimo et al. (em

preparação) e corresponde à introdução de pressão temporal na fase de atribuição do traço. Tal como, já mencionamos anteriormente, o propósito desta pressão temporal é o de impedir a recordação dos comportamentos que foram apresentados na fase de estudo e, como tal, a ocorrência de inferências no teste.

O traço de personalidade a atribuir à marca poderia corresponder a: (a) ao traço inicialmente associado à marca (na fase de aprendizagem associativa), permitindo testar a durabilidade da aprendizagem associativa (9 ensaios); (b) no caso das marcas sem expectativa, um outro traço que havia sido associado a outra marca (9 ensaios) (para verificação da manipulação, se o traço inicialmente associado à marca se mantém ativo no final da experiência); (c) o traço implicado pelo comportamento emparelhado, na fase de estudo, com aquela marca, permitindo testar a TET (9 ensaios); ou ainda (d) no caso das marcas emparelhadas com comportamentos neutros, o traço implicado por outro comportamento do conjunto de estímulos (9 ensaios) (para efeitos de verificação da manipulação) (Anexo H).

No final do estudo, todos os participantes foram informados do verdadeiro objectivo do estudo, tendo-lhes sido fornecido um *debriefing*.

Medidas dependentes

A medida dependente do estudo correspondeu à média da atribuição de traço à marca do traço que tinha sido implicado pelo comportamento, de forma a avaliar a medida de ocorrência de TET. Esta medida foi utilizada através de uma escala tipo Likert de 9 pontos, variando entre 1 "nada" e 9 "muito".

2.1.2. Resultados

Para efeitos de análise estatística eliminaram-se os participantes que na tarefa de aprendizagem associativa tiveram um desempenho médio inferior a .50 na aprendizagem da associação marca-traço, i.e., que não conseguiram aprender pelo menos metade das associações marca-traço. Tendo em conta este critério, foi excluído apenas 1 participante sendo o total 73 participantes (19 na versão aI, 19 na versão aII, 16 na versão bI, 19 na versão bII).

Verificação da manipulação.

Para a verificação da manipulação da expectativa, mais precisamente verificação da eficácia da memorização do traço inicialmente associado à marca (na Fase 1) foi realizada uma ANOVA a 2 factores: 4 Versão do set de estímulos (aI, aII, bI, bII) x 2 Expectativa (com expectativa vs sem expectativa) apenas para comportamentos neutros, com o último factor a variar intra-participantes, sendo a média da atribuição de traço à marca a variável dependente. Deste modo, pretende-se verificar se o traço inicialmente associado à marca permanece ativo no final da experiência comparativamente a uma marca sobre a qual não se possui qualquer expectativa. Os ensaios com comportamentos neutros são os únicos que permitem tal verificação uma vez que não sofrem a interferência de outro traço solicitado pelos comportamentos implicativos. O único efeito estatisticamente significativo foi o efeito principal da expectativa, $F(1, 69) = 5.01, p = .028$, ou seja, uma diferença significativa entre a média de atribuição de traço para marcas com expectativa e para marcas sem expectativa. Isto traduz-se numa maior atribuição do traço inicialmente associado à marca quando a marca foi efetivamente associada a esse traço ($M = 5.45; DP = .20$) comparativamente à atribuição, a uma marca sem expectativa, de um traço inicialmente associado a outra marca ($M = 4.86; DP = .21$).

Transferência de Traço Comportamento-Marca.

Para testar a nossa hipótese de que quando a marca não tem expectativa associada ocorre a TET (hipótese1), foi realizada uma ANOVA mista a 2 factores: 4 Versão do set de estímulos (aI, aII, bI, bII) x 2 Comportamento (comportamento implicativo de traço vs comportamento neutro) apenas para marcas sem expectativa, com o último factor a variar intra-participantes, sendo a média da atribuição de traço à marca a variável dependente. Contrariamente ao previsto, não é estatisticamente significativo o efeito principal do comportamento, $F(1,70) = .93, p = .33$, ou seja, a média de atribuição à marca do traço implicado por um comportamento é equivalente para ensaios em que a marca foi emparelhada com o comportamento implicativo desse traço ($M = 5.02; DP = .18$) e para ensaios em que a marca foi emparelhada com um comportamento neutro ($M = 5.23; DP = .18$). Este resultado parece sugerir que quando a pressão temporal é introduzida, o traço implicado pelo comportamento não é transferido, verificando-se assim que não existe qualquer evidência de TET.

Uma vez que a análise anterior não revelou a ocorrência de TET, foi realizada a análise que testaria os efeitos de interferência das expectativas da marca na TET previstos pela hipótese 2 e 3 ANOVA a medidas repetidas: 4 Versão do set de estímulos (aI, aII, bI, bII) x 3

Relação Marca-Comportamento (expectativa incongruente vs expectativa não relacionada vs sem expectativa comportamento implicativo de traço) com o último factor a variar intra-participantes).

2.1.3. Discussão

Os resultados do Estudo 1 vêm refutar as hipóteses testadas. A TET tem sido apresentada como um processo robusto, persistente, que não é sujeito a tentativas de controlo mental muito devido à sua natureza associativa (Crawford, Skowronski & Stiff, 2007; Crawford, 2007; Crawford, 2008; Wells et al., 2011). No entanto, os resultados obtidos no presente estudo ilustram que a introdução de uma tarefa de sobrecarga cognitiva (pressão temporal) na fase de atribuição de traço anula a evidência de ocorrência de TET. Estes resultados não excluem definitivamente a possibilidade da TET ter ocorrido durante a codificação mas que a pressão temporal tenha sido demasiadamente intensa para permitir que a transferência se revelasse. Tal é particularmente pertinente considerando que a tarefa em causa era uma tarefa de atribuição de traço. No entanto, é necessário ter em conta que a pressão temporal impossibilitou apenas que a TET se manifestasse, o mesmo não tendo ocorrido quando focamos a nossa análise na atribuição do traço previamente associado à marca. Este aspecto será discutido em maior detalhe na secção da Discussão Geral.

2.2. Estudo 2

Na literatura relativa à IET têm sido encontradas poucas referências à possibilidade das IET serem inibidas. O único estudo que pode fornecer alguma discussão sobre este aspecto dá destaque ao impacto dos estereótipos sobre a IET (Wigboldus et al., 2003), que aponta que é menos provável realizar-se IET a partir de comportamentos que são estereotipicamente inconsistentes quando comparados com os consistentes. Tais resultados remetem para a inibição de IET perante comportamentos estereotipicamente inconsistentes, salientando-se ainda a inexistência de sinais que comprovem processos de facilitação no caso de estereótipos congruentes.

O presente estudo pretende alargar o âmbito desta evidência de Wigboldus e colegas (2003), não centrando, no entanto, o seu foco na ligação entre os estereótipos e a IET, mas verificando se a mera presença de uma marca com expectativas de traço incongruente com o traço implicado por um comportamento poderá inibir o processo de IET ele mesmo.

Especificamente, pretende-se verificar se o facto de a marca tornar um determinado traço mais acessível diminuirá a acessibilidade do traço oposto, dificultando inconscientemente a IET. Por exemplo, será que a marca com uma associação de traço “descontraído” poderá inibir a acessibilidade do traço “nervoso” e, como tal, inibir a inferência de traço a partir do comportamento “Começou a suar mal a professora chamou o seu nome”?

Para a concretização do Estudo 2 foi adotado o mesmo paradigma que no Estudo 1, com a única diferença que na Fase de Atribuição de Traço, pretendíamos verificar a atribuição de traço ao ator de comportamento (de modo a testar a ocorrência de IET), sendo neste caso não foi utilizada qualquer tarefa de sobrecarga cognitiva.

As hipóteses são as seguintes:

1- Quando a expectativa acerca da marca não é relacionada com o traço a ser inferido a partir do comportamento, não se verificará qualquer interferência no processo de IET. Tal deverá traduzir-se numa atribuição de traço igual tanto para comportamentos neutros como para não relacionados.

2 - Quando a expectativa acerca da marca é incongruente com o traço a ser inferido pelo comportamento, verificar-se-á uma inibição do processo de IET. Tal deverá traduzir-se numa menor atribuição de traço à ao actor do comportamento, em comportamentos com traço incongruente comparativamente com comportamentos neutros e não relacionados.

2.2.1. Método

Desenho Experimental

2 Versão de lista de aprendizagem associativa (A vs B) X 2 Versão da lista de teste (I vs II) X 2 Expectativa da Marca (presente vs ausente) X 3 Tipo de comportamento (não relacionado vs incongruente vs neutro) X 2 Escala (Marca-Traço vs Comportamento-Traço), com os três últimos factores a variar intra-participantes.

Participantes

Neste estudo participaram 63 estudantes universitários, de ambos os sexos, onde cada um dos participantes recebeu 5 euros em voucher pela experiência realizada. Os participantes foram aleatoriamente distribuídos pelas condições experimentais.

Procedimento

Foram usados os mesmos materiais e instrumentos que os utilizados no Estudo 1. À semelhança do Estudo 1, as instruções fornecidas, os estímulos e a medição da variável dependente foi recolhida em computador através do software E.prime 2.0 (Schneider, Eschman & Zuccolotto, 2002).

Porém, efetuámos duas alterações relativamente ao estudo anterior, na Fase de Atribuição de Traço. Nesta fase, ao invés de ter sido realizada a atribuição de traço em relação às marcas, foi realizada em relação aos atores dos comportamentos, uma vez que estávamos interessados não na TET mas na IET. Assim, foi pedido para os participantes indicarem em que medida um determinado traço de personalidade caracterizava cada um dos indivíduos apresentados na fase anterior. Foi usada uma escala de Likert de 9 pontos (onde 1 corresponde a nada e 9 corresponde a muito), à semelhança do estudo anterior. O traço de personalidade poderia corresponder ao traço que inicialmente havia sido associado à marca, a um traço associado a outra marca (caso aquele indivíduo tivesse sido apresentado anteriormente com uma marca sem expectativa), o traço implicado pelo comportamento exibido por aquele indivíduo (que nos iria permitir testar a IET), e ainda, um traço implicado por outro comportamento (no caso daquele indivíduo ter sido apresentado anteriormente com um comportamento neutro).

Uma outra diferença, nesta última fase, entre o Estudo 2 e o anterior, é que no Estudo 2 já não utilizada nenhuma tarefa de sobrecarga cognitiva, pelo que os participantes dispunham do tempo que quisessem para realizar a atribuição de traço, ainda que fosse incentivada uma resposta intuitiva (Ver Anexo J, K e L).

No final do estudo, todos os participantes foram informados do verdadeiro objectivo do estudo, tendo-lhes sido fornecido um *debriefing*.

Medidas dependentes

A medida dependente do estudo correspondeu à média da atribuição de traço ao ator, do traço que tinha sido implicado pelo comportamento, de forma a avaliar a medida de ocorrência de IET. Esta medida foi utilizada através de uma escala tipo Likert de 9 pontos, variando entre 1 "nada" e 9 "muito".

2.2.2. Resultados

Para efeitos de análise estatística foram eliminados os participantes que na tarefa de aprendizagem associativa, tiveram um desempenho médio inferior a .50 na aprendizagem da

associação marca-traço. Estes participantes foram eliminados pois aparentemente não aprenderam correctamente as associações traço-palavra. Tendo em conta este critério, foram excluídos desta análise 8 participantes sendo considerados nas análises posteriores 55 participantes (14 na versão aI, 14 na versão aII, 13 na versão bI, 14 na versão bII).

Verificação da manipulação

Começámos por examinar uma medida indirecta da eficácia de aprendizagem associativa através de uma ANOVA a 2 factores: 4 Versão do set de estímulos (aI, aII, bI, bII) x 2 Expectativa (expectativa não relacionada vs sem expectativa) apenas para comportamentos neutros, com o último factor a variar intra-participantes, sendo a média da atribuição de traço à pessoa a variável dependente. Repare-se que no caso dos comportamentos neutros, seria de esperar que o traço da marca fosse transferido para o actor, em comparação com a condição controlo na qual a marca não tem expectativa de traço associada, caso os participantes mantivessem ainda presente o traço associado inicialmente à marca.

Foi encontrado um efeito principal da expectativa estatisticamente significativo, $F(1,69) = 5.36$, $p = .024$. Deste modo, pode-se concluir que a manipulação da expectativa foi eficaz, uma vez que quando a marca tinha uma expectativa de traço associada o actor foi mais avaliado em termos desse traço ($M = 5.69$; $DP = .16$) do que quando a marca não tinha uma expectativa de traço associada ($M = 5.24$; $DP = .16$).

Inferência espontânea de traço.

Para testar o impacto da activação do traço associado à marca na IET testou-se primeiramente a ocorrência de IET. Assim, realizou-se uma ANOVA mista de medidas repetidas entre 2 factores: 4 Versão do set de estímulos (aI, aII, bI, bII) x 2 Comportamento (comportamento implicativo de traço vs. comportamento neutro) apenas para marcas sem expectativa associada, estando o último factor a variar intra-participantes. Nesta situação, em que a expectativa acerca da marca não poderá interferir no processo de IET (já que essa expectativa não existe), esperar-se-ia que o actor fosse mais avaliado em termos do traço quando o comportamento com ele emparelhado implica esse traço, do que quando o comportamento era neutro. Tal forneceria indicação da ocorrência de IET.

Os resultados demonstram que não há um efeito principal estatisticamente significativo do comportamento, $F(1,51) = .85$, $p = .36$, nem efeito de interacção entre os dois factores em análise, $F(1,51) = 1.57$, $p = .21$. No entanto, é possível verificar que para duas das quatro versões do set de estímulos (aII e bI) o padrão de resultados indica a existência de IET

revelado através de contrastes planeados ($t(51) = 4.42, p = .04$). Tal como seria de esperar, este resultado traduz-se numa maior ocorrência de IET para comportamentos implicativos de traço ($M = 5.64; DP = .26$) do que para comportamentos neutros ($M = 5.01; DP = .36$).

Impacto da expectativa da marca de traço

Confirmada a existência de IET em duas das quatro versões do set de estímulos (aII e bI) do estudo, para testar directamente as nossas hipóteses sobre o impacto que a expectativa acerca da marca tem na IET (hipóteses 1 e 2) foi realizada uma ANOVA a 2 factores: 4 Versão do set de estímulos (ai, aii, bi, bii) x 2 Expectativa (expectativa incongruente vs expectativa não relacionada vs sem expectativa), apenas para comportamentos implicativos de traço (onde se verifica a ocorrência de IET), e com o último factor a variar intra-participantes, sendo a média de atribuição de traço à pessoa a medida dependente.

A análise revela um efeito principal estatisticamente significativo da expectativa, $F(2,102) = 13,52, p < .001$. Contrastes planeados que comparam as marcas com expectativa não relacionada ($M = 5.89; DP = .17$) com marcas sem expectativa ($M = 5.56; DP = .13$) não se revelam estatisticamente significativos ($p > .05$), apoiando a Hipótese 1 segundo a qual expectativas acerca da Marca que não estejam relacionadas com o traço implicado pelo comportamento, não interferem no processo de IET.

Por seu turno, contrastes planeados que comparam marcas com expectativa incongruente ($M = 6.63; DP = .18$) com as marcas com expectativa não relacionada e sem expectativa, revelam uma diferença significativa ($F(1,51) = 19.80, p < .001$). No entanto, estas diferenças são no sentido não de uma inibição da IET nos ensaios incongruentes, tal como hipotetizado, mas antes de um aparente efeito de facilitação, com uma maior ocorrência de IET na condição de marca inconsistente.

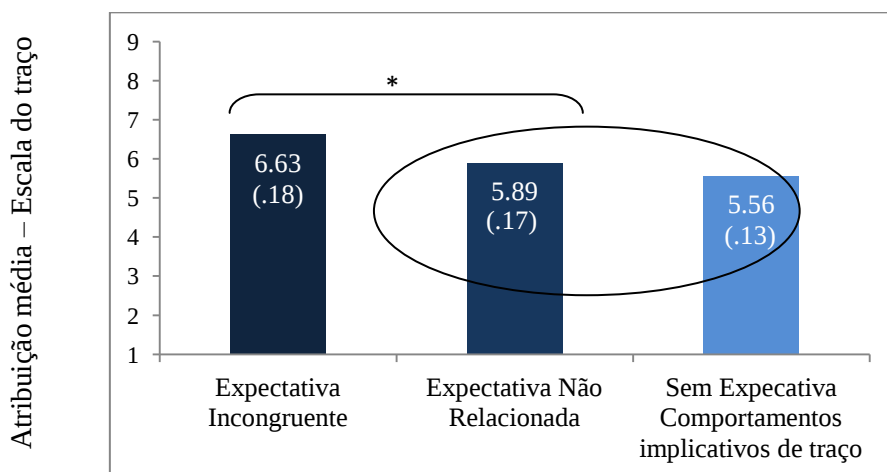


Figura 1 – Atribuição média ao ator do traço implicado pelo comportamento

Discussão

Os resultados do Estudo 1 confirmam o pressuposto de que a mera presença de uma marca com uma expectativa pode afetar o processo de IET. No entanto, o efeito observado foi, em parte, o oposto ao previsto. Por um lado, e tal como esperado, marcas com uma expectativa de traço não relacionada com o traço a ser inferido a partir do comportamento parecem não interferir com essa inferência e sua atribuição ao ator do comportamento. No entanto, ao contrário do previsto, a activação contextual de um traço oposto ao implicado pelo comportamento resultou não numa inibição da IET mas sim num processo de facilitação deste mesmo mecanismo.

Estes resultados contrapõem-se aos evidenciados por Wigboldus et al. (2003) que demonstram a existência de uma inibição da IET perante comportamentos estereotipicamente inconsistentes. Estas diferenças bem como as limitações apontadas a este estudo encontram-se descritas detalhadamente na secção da Discussão Geral.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO GERAL E CONCLUSÃO

3. Discussão Geral

O presente estudo focou-se no impacto que a ativação contextual de uma expectativa de traço poderá ter tanto no processo de Transferência Espontânea de Traço (TET) como no próprio processo de Inferência Espontânea de Traço (IET). Mais concretamente, explorou-se em que medida a presença incidental de uma marca no contexto de um comportamento com implicações de traço opostas às expectativas acerca da marca poderá inibir a inferência e/ou a transferência do traço de personalidade implicado por esse comportamento.

Diversos estudos já demonstraram anteriormente as infinitas possibilidades de ocorrência de TET: para atores incidentalmente presente no contexto (Carlston et al., 1995), para objectos inanimados (Brown & Bassili, 2002), para símbolos (Carlston & Mae, 2006) ou para marcas (Caetano, 2008; Ferreira, 2009). No entanto, poucos testaram a influência que as expectativas (sobretudo incongruentes) poderão exercer na ocorrência de TET e IET.

Por exemplo, se observarmos uma mulher deselegante (pelas suas roupas ou atitude), será que o traço inferido a partir do comportamento dessa pessoa (e.g. “deselegante”) poderá ser transferido para a marca da mala Chanel (caracterizada como sofisticada) que ela está a usar? Esta questão foi estudada por Jerónimo et al. (em preparação) numa adaptação do paradigma do falso reconhecimento (Todorov & Uleman, 2003), e cujos resultados evidenciaram uma inibição do processo de transferência do traço do comportamento para a marca perante a incongruência entre o traço implicado pelo comportamento exibido por um ator e o traço associado à marca. Ficou assim demonstrada uma possibilidade de inibir a TET, do ator para a marca, perante expectativas incongruentes.

No entanto, nesse estudo de Jerónimo e colaboradores (em preparação) foi posta em causa a natureza espontânea da TET uma vez que não existia nenhuma tarefa de sobrecarga cognitiva que permita a rejeição de processos que ocorrem apenas durante o teste como explicação alternativa dos resultados. Neste sentido, o Estudo 1 do presente trabalho é uma replicação do de Jerónimo e colaboradores (em preparação), continuando-se a averiguar de que maneira a existência de uma marca incongruente com o traço implicado pelo comportamento pode afetar a transferência de traço do ator para a marca, sendo esta agora reforçada pela sua natureza espontânea e automática. Para tal, foi adicionada pressão temporal durante a fase de atribuição de traço à marca. Contrariamente ao previsto pela literatura, segundo a qual a TET não sofre qualquer tipo de interferência com este tipo de manipulações experimentais (Crawford, 2007; Crawford, 2008; Wells et al., 2011), a pressão temporal usada no presente estudo eliminou a evidência de ocorrência de TET. Este resultado

demonstrou ser importante uma vez que até então nunca tinha sido demonstrado que a TET poderia ser eliminada através deste tipo de manipulações. De referir que Wells et al. (2011) também verificaram a possibilidade de obstrução da TET perante processos de sobrecarga cognitiva, quando utilizaram uma tarefa de memorização de dígitos na fase de codificação. Os efeitos tanto da IET como da TET persistiram de forma igualitária, ainda que a capacidade de recordação dos traços de personalidade tenha reduzido cerca de 50% em comparação com a condição de controlo, os efeitos nunca tinham sido totalmente inibidos, tal como sucedeu neste estudo.

Tal como Wells e colaboradores (2011) argumentam, relativamente à TET será sempre necessária uma capacidade cognitiva mínima para se conseguir associar o traço ao ator. No entanto, se por um lado se pode colocar em causa a elevada intensidade do tipo de manipulação utilizada (2.5s ser um tempo de resposta demasiado curto) no presente estudo, por outro, também não é possível dizer que a manipulação colocou uma pressão tal que impossibilitou os participantes de realizarem atribuições de traço. Isto porque os mesmos foram capazes efetuar a atribuição do traço inicialmente associado à marca; o problema apenas se verificou quando tiveram de fazer atribuições de traço relativamente ao traço inferido a partir do comportamento (eventualmente uma associação mais fraca). Assim, a ausência de evidência de TET poderá não ser totalmente atribuída à impossibilidade dos participantes facultarem uma resposta em tão curto espaço de tempo.

Uma outra possível explicação para a ausência de evidência de TET poderá relacionar-se com o fato da manipulação utilizada ter sido demasiado forte fazendo com que os participantes não tenham conseguido recuperar um tipo de associação menos estabelecida, ainda que tenham conseguido recuperar uma associação melhor estabelecida. Repare-se que a associação da expectativa de traço à marca foi feita mediante uma tarefa de aprendizagem associativa explícita e na qual foram fornecidas quatro oportunidades para os participantes aprenderem essa associação; essa é a associação que na fase de teste se manifesta na atribuição à marca do traço que lhe foi inicialmente associado. Por seu turno, a associação do traço implicado pelo comportamento à marca foi feita mediante uma tarefa implícita e com base numa única exposição. Assim, poderá dar-se o caso de a recuperação, num curto espaço de tempo, do traço que foi associado à marca ser bem-sucedida, mas não a recuperação daquele que resultou de uma associação menos estável (que iria permitir a ocorrência de TET).

No seguimento deste argumento, podemos também mencionar o pressuposto do Efeito de Primazia (Anderson & Hubert, 1963) que pode ter ocorrido, que nos diz que os indivíduos

dão mais atenção e recuperam mais facilmente os estímulos apresentados inicialmente (a associação entre a marca e o traço que foi repetida por quatro vezes). Tal acontece, sobretudo se se sucederem a apresentação de diversos estímulos, consequentemente a capacidade de aprendizagem, atenção e memorização poderá ser comprometida. Deste modo, seria fácil para os participantes recuperarem o traço que foi inicialmente associado à marca.

Apesar das evidências encontradas, como podemos conciliar os resultados obtidos com os demonstrados anteriormente (Crawford, 2007; Crawford, 2008; Wells et al., 2011), que apontam a TET como um processo imune à sobrecarga cognitiva? Será isto suficiente para colocar em causa a sua natureza meramente associativa e espontânea, que deriva de pouco esforço cognitivo (Carlston & Skowronski, 2005)?

Carlston e Skowronski (2005) apontam que a TET surge apenas da consequência da contiguidade espaço-temporal que resulta da manipulação experimental, desta forma, é um processo totalmente espontâneo e superficial que deriva de pouco esforço cognitivo. Ainda, é um processo que remete para a pouca força na ligação entre o ator e o traço, sendo que este apenas fica associado ao ator. Desta forma, os indivíduos não realizam uma avaliação generalizada dos comunicadores, não lhes atribuindo também outros traços para além dos apresentados. Se quanto a este último aspecto, o presente estudo nada vem acrescentar, no que concerne à espontaneidade e superficialidade da TET já temos algo a questionar.

Com os dados obtidos no presente estudo pode-se, então colocar em causa a natureza completamente espontânea e superficial da TET, dado que tal como ficou demonstrado esta necessita de uma capacidade cognitiva maior que a esperada. Podemos sugerir, assim, que na TET poderão estar subjacentes outros tipos de processos cognitivos que não os baseados no processamento associativo.

Estudos futuros deverão esclarecer este último ponto e encontrar evidências para a ausência de TET nas presentes circunstâncias, i.e., com pressão temporal na fase de recuperação da associação e em que a tarefa é uma tarefa de atribuição de traço. Esses estudos poderão restringir o tipo e intensidade (baixa ou alta) de sobrecarga cognitiva a que a TET pode ser sujeita sem que seja eliminada. Alternativamente seria também interessante a introdução de uma fase de confusão ou um de um intervalo entre a fase de estudo e a de atribuição de traço de forma a diminuir a possibilidade de recordação dos comportamentos nesta última fase.

Testada a hipótese da activação contextual de uma marca com expectativa incongruente com o traço implicado pelo comportamento relativamente à TET, faltava ainda testar qual o impacto que o mesmo tipo de activação pode ter na IET. Assim, no Estudo 2 foi adoptado o

mesmo paradigma que no Estudo 1, à exceção da fase de atribuição de traço. Uma vez que pretendíamos estudar a ocorrência de IET, analisamos a atribuição de traço relativamente ao ator do comportamento (e não relativamente à marca, como no Estudo 1). Além disso, não foi imposto um limite de tempo para a resposta, tendo sido apenas dito aos participantes que teriam de efectuar uma resposta rápida e intuitiva.

Outros estudos (Wigboldus et al., 2003) evidenciaram a inibição da IET perante expetativas estereotípicas acerca do ator inconsistentes com as implicações de traço do comportamento exibido por esse ator. Assim, partindo das evidências obtidas por Wigboldus et al. (2003) postulamos que perante uma incongruência entre a expetativa de traço acerca da marca e o traço implicado pelo comportamento, poderia vir a inibir o processo de IET.

Os resultados do Estudo 2 demonstraram não só a inexistência da inibição da IET (contrariamente às evidências de Wigboldus et al, 2003 para expetativas estereotípicas acerca do próprio ator do comportamento), como ainda uma facilitação da IET na presença de uma marca incongruente. A inconsistência de resultados entre o presente estudo e o de Wigboldus e colaboradores poderá resultar de diferenças entre os dois paradigmas. Enquanto no estudo de Wigboldus e colaboradores (2003) a expetativa ativada é baseada em estereótipos, no presente estudo é ativada uma expetativa baseada num único traço. De acordo com Stangor e McMillan (1992) a diferença entre estes dois aspectos poderá estar na força da expetativa, onde a formação de impressões através de estereótipos é conceptualmente mais robusta que a usada através de expetativas de traço.

Por outro lado, enquanto no estudo de Wigboldus et al. (2003) a expetativa era directamente acerca do ator do comportamento, no presente estudo a expetativa era acerca de uma entidade incidentalmente presente no contexto do comportamento.

A IET é descrita por ser um processo onde se infere um traço que transmite um determinado conhecimento sobre o ator que é derivado a partir de uma qualquer informação. Porém, se imaginarmos uma situação em que a Maria observa o comportamento irresponsável do João (e.g. "Perdeu a criança de 2 anos de vista"). O que pode suceder? A Maria pode não concluir que o João é irresponsável, pode não recordar ou recuperar este comportamento ou ainda, pode utilizar outro traço para descrever o João (e.g. "distráido") (Carlston & Skowronski, 1994). Isto pode ser um indício de que a ativação contextual de um traço oposto aquando do processo de inferência de traço a partir do comportamento poderá não só ter facilitado a identificação do traço, como a memorização do mesmo devido à sua valência oposta (com base em efeitos de contraste), ou ainda ter potenciado a sobreatribuição de traço

no momento de recuperação (na fase de atribuição) para efetuar o julgamento em relação ao ator.

Este indício e os resultados por nós obtidos no Estudo 2 poderão estar também na base das evidências obtidas por Jerónimo et al. (em preparação) de que a mera activação contextual de uma marca incongruente com o traço implicado pelo comportamento inibe a TET do ator para a marca. O que podemos concluir é que mesmo nessas circunstâncias foi realizada uma inferência de traço a partir do comportamento do ator, ou de outro modo não se teria criado uma condição de incongruência em relação à expectativa da marca.

Assim, se por um lado, no Estudo 1 demonstramos que a TET não é de todo um processo incondicional e que pode mesmo a vir ser inibido perante determinadas condições. No Estudo 2, podemos encontrar uma justificação para o facto de na TET a incongruência entre a expectativa de uma marca e o traço a ser inferido pelo comportamento ser inibida (Jerónimo et al., em preparação). Tal ocorreu porque neste mesmo processo de incongruência a inferência do traço a partir do comportamento não só não é inibida como é facilitada.

Sugerimos que estudos futuros possam testar o fundamento para a diferença de resultados do presente Estudo 2 e os de Wigboldus e colaboradores (2003). Nomeadamente, seria interessante replicar o paradigma utilizado por Wigboldus et al. (2003) criando dois tipos de manipulação de expectativa, uma que permitiria testar a força da expectativa, utilizando expectativas de traço acerca do ator (em vez de estereotípicas sobre o ator) e outra que permita testar a possibilidade dos efeitos de contrastes, por exemplo criando uma expectativa incidental acerca de outro alvo (colocando de parte as expectativas acerca do ator).

Os presentes estudos veem acrescentar novas evidências no âmbito desta temática (Caetano, 2008; Ferreira, 2009). Mais especificamente, que a mera ativação contextual da expectativa de uma marca incongruente com o traço implicado pelo comportamento poderá causar inibição da ocorrência TET, caso os indivíduos não tenham tempo para efectuar tal julgamento. Esta informação poderá colocar em causa a natureza completamente espontânea e superficial da TET, sendo que até então era esperado que o mesmo processo ocorresse com recurso a pouco esforço cognitivo. Desta forma, podemos assumir que outros processos, para além do associativo, podem estar por detrás dos mecanismos subjacentes à TET.

Ainda, os presentes resultados servem para dizer que uma marca não passa a ser vista de outra maneira, ou a possuir outros atributos de personalidade, meramente por ser emparelhada acidentalmente com comportamentos incongruentes com a marca.

Tal acontece sobretudo devido ao desempenhado das IETs no processo da TET, estas evidenciam ter o poder de obstruir e inibir a ocorrência de TET, dado que perante processos incongruentes a sua ocorrência parece ser facilitada.

4. Conclusão

Estudar o papel das expectativas na probabilidade de ocorrência de IET e de TET contribui para a reflexão, no âmbito da Cognição Social, acerca da natureza processual de ambos os processos e suas condições de ocorrência. Se por um lado, podemos colocar em causa a natureza associativa da TET, por outro, a natureza atribucional da IET sai reforçada. Nos presentes estudos conseguimos esclarecer qual o papel que as IETs podem ter na ocorrência de TET. Em situações de incongruência entre a expectativa acerca da marca e o traço implicado pelo comportamento a ocorrência de TET é inibida, esta mesma obstrução deve-se à ocorrência de IET durante a fase de codificação do comportamento.

Ainda assim, compreender como operam os processos de TET para um objeto particular, nomeadamente marcas traz, simultaneamente, *insights* potencialmente interessantes para o Marketing, especialmente para a comunicação e posicionamento de novas marcas no mercado. Tal como sugerimos a criação, manutenção e desenvolvimento da personalidade da marca é frequentemente gerada através da associação de traços ou personalidade de pessoas para uma marca. Se por um lado os processos congruentes, a ligação entre o pessoa (e.g. Celebridade) e a marca dão uma maior profundidade e distinção à personalidade da marca. Os processos incongruentes, analisados no presente estudo demonstram não terão um impacto negativo sobre a marca. Podendo este facto vir a ser um contributo importante para o Marketing e do Comportamento do Consumidor.

Referências

- Aaker, J. L. (1997). Dimensions of Brand Personality. *Journal of Marketing Research*, 34(1632), 347–357.
- Anselmo, I. (2014). Diz-me o que usas, dir-te-ei quem és: Marcas e Transferência Espontânea de Traços. Tese de Mestrado não publicada, em Psicologia Social, ISCTE, Portugal.
- Anderson, N. H., & Hubert, S. (1963). Effects of concomitant verbal recall on order effects in personality impression formation. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 2, 379-391.
- Asch, S. (1946). Forming impressions of personality. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 41(3), 258–290.
- Brown, R. D., & Bassili, J. N. (2002). Spontaneous Trait Associations and the Case of the Superstitious Banana. *Journal of Experimental Social Psychology*, 38(1), 87–92.
- Caetano, M. (2008). *Do comportamento à marca: A possibilidade e limites da transferência*. Tese de Mestrado não publicada, em Psicologia Social, ISCTE, Portugal.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (1994). Savings in the relearning of trait information as evidence for spontaneous inference generation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(5), 840–856.
- Carlston, D. E., Skowronski, J. J., & Sparks, C. (1995). Savings in relearning: II. On the formation of behavior-based trait associations and inferences. *Journal of personality and social psychology*, 69(3), 420–35.
- Carlston, D. E., & Skowronski, J. J. (2005). Linking versus thinking: evidence for the different associative and attributional bases of spontaneous trait transference and spontaneous trait inference. *Journal of personality and social psychology*, 89(6), 884–98.
- Carlston, D. E., & Mae, L. (2007). Posing with the Flag : Trait-specific effects of symbols on person perception. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 241–248.
- Clérigo, T. M. (2013). *Marca a Minha Personalidade: Transferência de Traços de uma Marca para um indivíduo e Limitações para a sua Ocorrência*. Tese de Mestrado não publicada, em Psicologia Social, ISCTE, Portugal.

- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., & Stiff, C. (2007). Limiting the spread of spontaneous trait transference. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 43, 466–472.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., Stiff, C., & Scherer, C. R. (2007). Interfering with inferential, but not associative, processes underlying spontaneous trait inference. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 33(5), 677-690.
- Crawford, M. T., Skowronski, J. J., Stiff, C., & Leonards, U. (2008). Seeing, but not thinking: Limiting the spread of spontaneous trait transference II. *Journal of Experimental Social Psychology*, 44(3), 840-847.
- Ebbinghaus, H. (1885/1964). *Memory: A contribution to experimental psychology*. New York: Dover Publications.
- Fennis, B. M., & Pruyn, A. T. H. (2007). You are what you wear : Brand personality influences on consumer impression formation. *Journal of Business Research*, 60, 634–639.
- Ferreira, R. (2009). *Transferência Espontânea De Traços Para Marcas: O Papel Das Expectativas Acerca Da Marca*. Tese de Mestrado não publicada, em Psicologia Social, ISCTE, Portugal.
- Fiske, S. T., & Taylor, S. E. (1991). *Social cognition*. New York: McGraw-Hill.
- Gilbert, D.T., Pelham, B. W., & Krull, D. S. (1998). On cognitive busyness: When person perceivers meet person perceived. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 733-740.
- Hastie, R., & Kumar, P. A. (1979). Person memory: Personality traits as organizing principles in memory for behaviors. *Journal of Personality and Social Psychology*, 37(1), 25-38.
- Heider, F. (1958). *The psychology of interpersonal relations*. New York: Wiley.
- Heider, J., Scherer, C., Skowronski, J., Wood, S., Edlund, J. & Hartnett, J. (2007). Trait expectancies and stereotype expectancies have the same effect on person memory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 43, 265-272.
- Jerónimo, R. (2003). Normas de sinonímia e de frequência subjectiva para palavras ilustrativas de quatro traços de personalidade. *Laboratório de Psicologia*, 1(1), 67-76.
- Jerónimo, R., Ramos, T., Ferreira, M., Wigboldus, D., & Uleman, J. (in prep). Trait expectancies about a target inhibit trait transference from behaviors.
- Jones, E. E., & Davis, K. E. (1965). From acts to dispositions: The attribution process in

- person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 2, pp. 219-266). New York: Academic Press.
- Kelley, H. H. (1967). Attribution theory in social psychology. In D. Levine (Ed.), *Nebraska Symposium on Motivation* (Vol. 15, pp. 192-240). Lincoln: University of Nebraska Press.
- Marques, J. F. (1997). Normas de tipicidade e familiaridade para diferentes categorias de itens verbais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 32, 35-55.
- Minear, M. & Park, D.C.(2004). A lifespan database of adult facial stimuli. *Behavior Research Methods, Instruments, & Computers*. 36, 630-633.
- Ouwersloot, H., & Tudorica, A. (2001). *Brand Personality Creation through Advertising*. MAXX Working Paper Series, 2001-01. Maastricht.
- Ramos, T. (2009). A Flexible View of Spontaneous Trait Inferences. Tese de Mestrado não publicada, em Psicologia Social, ISCTE, Portugal.
- Reis, J., Ramos, T., & Ferreira, M. (em preparação). Pré-teste de comportamentos implicativos de traço e comportamentos neutros.
- Skowronski, J. J., Carlston, D. E., Mae, L., & Crawford, M. T. (1998). Spontaneous trait transference: Communicators take on the qualities they describe in others. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(4), 837–848.
- Stangor, C., & McMillan, D. (1992). Memory for expectancy-congruent and expectancy-incongruent information: A review of the social and social developmental literatures. *Psychological Bulletin*, 111, 42–61.
- Till, B. D., & Busler, M. (2000). The Match-Up Hypothesis: Physical Attractiveness, Expertise and the Role of Fit on Brand Attitude, Purchase Intent and Brand Beliefs. *Journal of Advertising*, 29(3), 01–13.
- Todorov, A. & Uleman, J. S. (2002). Spontaneous trait inferences are bound to actors' faces: Evidence from a false recognition paradigm. *Journal of Personality and Social Psychology*, 83(5), 1051–1065.
- Uleman, J. S., Newman, L. S., & Moskowitz, G. B. (1996). People as flexible interpreters: Evidence and issues from spontaneous trait inference. *Advances in Experimental Social Psychology*, 28, 211-279.
- Wells, B. M., Skowronski, J. J., Crawford, M. T., Scherer, C. R., & Carlston, D. E. (2011). Inference making and linking both require thinking: Spontaneous trait inference and spontaneous trait transference both rely on working memory capacity. *Journal of Experimental Social Psychology*, 47, 1116-1126.

- Wigboldus, D. H. J., Dijksterhuis, A., & Van Knippenberg, A. (2003). When stereotypes get in the way: Stereotypes obstruct stereotype-inconsistent trait inferences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 84(3), 470–484.
- Winter, L., & Uleman, J. S. (1984). When are social judgments made? Evidence for the spontaneousness of trait inferences. *Journal of personality and social psychology*, 47(2), 237–52.

ANEXOS

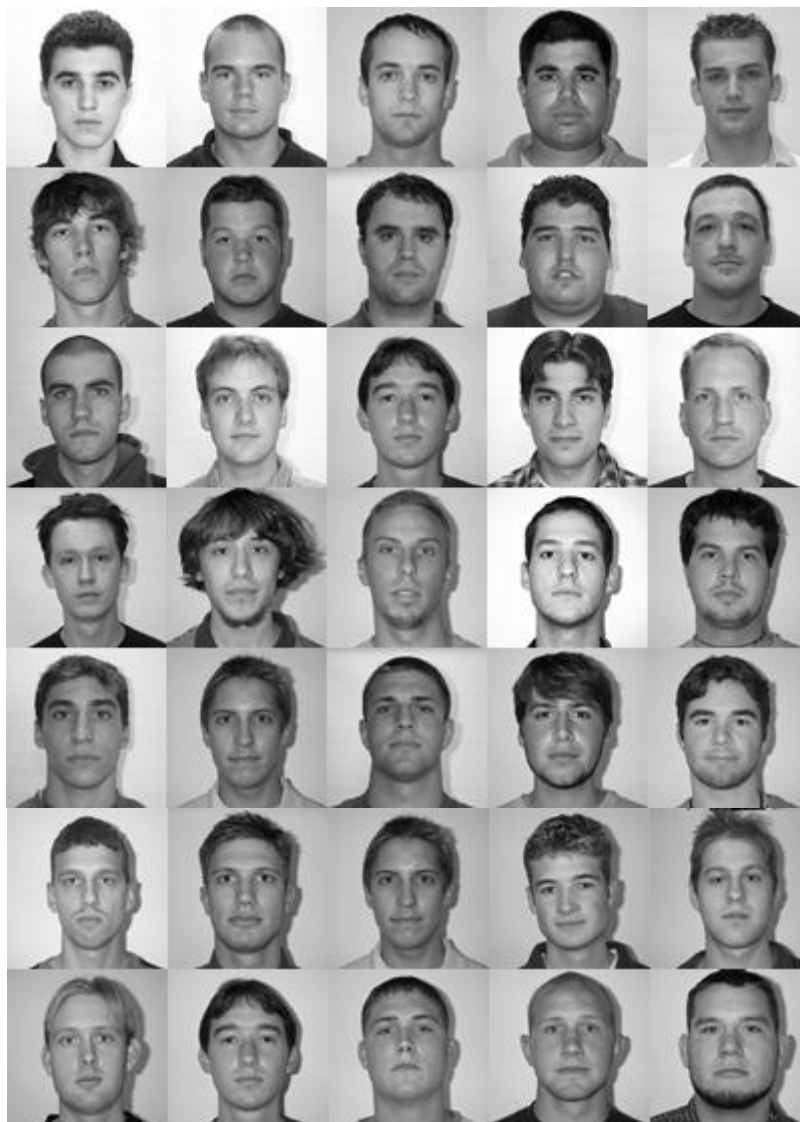
Anexo A

Lógotipos de marcas seleccionadas para Estudo 1 e 2 (Fase de Aprendizagem Associativa)



Anexo B

Faces neutras seleccionadas para Estudo 1 (Fase de Estudo) e 2 (Fase de Estudo e Fase de Atribuição de Traço)



Anexo C

Comportamentos implicativos para o Estudo 1 e 2

Comportamentos implicativos de traço	Traço implicado
Recusou um cliente por causa da sua cor de pele	Racista
Recostou-se na poltrona com um chá a ouvir a sua música favorita	Calmo
As pessoas bocejam cada vez que o ouvem falar	Aborrecido
Disse ao empregado de caixa que ele lhe tinha dado troco a mais	Honesto
Foi-se embora do jantar sem agradecer ao anfitrião	Mal-educado
As histórias dele fazem as pessoas rir tanto que nem se aguentam em pé	Engraçado
Foi incapaz de escolher um sítio para almoçar	Indeciso
Conduz sempre um pouco mais devagar do que o limite de velocidade	Cuidadoso
Passou todo o dia deitada em casa a ler revistas	Preguiçoso
Apenas consegue ter dois dias livres de trabalho por mês	Trabalhador
Tentou ouvir a conversa da mesa do lado	Coscuvilheiro
Perguntou de onde vêm as estrelas	Curioso
Começou a suar mal a professora chamou o seu nome	Nervoso
Deixou uma gorjeta de 10 euros ao empregado	Generoso
Não fumou em casa enquanto o seu colega de quarto tentava deixar de fumar	Atencioso
Pisou os pés da namorada enquanto dançava com ela	Desastrado
Acha que consegue lidar com a maioria dos problemas que lhe surgem	
Levou 15 min a encontrar o carro no parque de estacionamento	Distraído
Ameaçou bater-lhe caso ela não retirasse o que tinha dito	Agressivo
Perdeu a criança de 2 anos de vista	Irresponsável
Resolveu rapidamente um complicado problema de matemática	Inteligente
Achou que não merecia o prémio e o louvor que recebeu	Humilde
Não emprestou um cobertor que tinha a mais aos outros campistas	Egoísta

Anexo D

Comportamentos não implicativos de traço para Estudo 1 e 2

Comportamentos não implicativos de traço
Saiu para comprar uma peça de roupa
A meio da manhã bebeu um café e comeu um bolo
Naquele dia levou consigo o guarda-chuva
Comeu um bife com batatas fritas ao almoço
Tomou o elevador para o quarto andar
Estacionou o automóvel perto de casa
Esteve naquela manhã um quarto de hora à espera do autocarro
Viu um programa de televisão depois do jantar
Levantou-se depois das onze horas da manhã naquele domingo
Olhou para o relógio para ver as horas
Comeu uma peça de fruta depois do jantar
Naquele dia tomou uma bebida à refeição

Anexo E

Traços de personalidade e palavras neutras usadas para Fase de Aprendizagem Associativa (Estudo 1 e 2)

Traços de personalidade	Palavras Neutras
Desorganizado	Biombo
Simpático	Selo
Desinteressado	Balão
Cuidadoso	Areia
Descontraído	Mesa
Inseguro	Camisola
Vaidoso	Escada
Preguiçoso	Chapéu
Discreto	Lenço
Desportista	Rua
Artístico	Moldura
Esbanjador	Mar
Persistente	Bota
Arrogante	Tapete
Ecológico	Unha
Introvertido	Luva
Religioso	Estante
Intolerante	Caixa

Anexo F

Exemplo da Fase de Aprendizagem Associativa (Estudo 1)

Estudo 1 – Fase de Aprendizagem Associativa			
Marca	Traço Associado	Marca	Traço Associado
	Vaidoso		Vaidoso
	Artístico		Artístico
	Esbanjador		Esbanjador
	Persistente		Persistente
	Desorganizado		Desorganizado

Anexo G

Exemplo da Fase de Estudo (Estudo 1)

	Marca	Traço Associado	Face	Comportamento
Ensaio Não relacionados		Vaidoso		Foi incapaz de escolher um sítio para almoçar.
		Artístico		Disse ao empregado de caixa que ele lhe tinha dado troco a mais
		Esbanjador		Foi-se embora do jantar sem agradecer ao anfitrião
		Persistente		As histórias dele fazem as pessoas rir tanto que nem se aguentam em pé
		Desorganizado		Recusou um cliente por causa da sua cor de pele
Ensaio Incongruentes		Descontraído		Começou a suar mal a professora chamou o seu nome
		Desinteressado		Perguntou de onde vêm as estrelas
		Preguiçoso		Apenas consegue ter dois dias livres de trabalho por mês
		Cuidadoso		Pisou os pés da namorada enquanto dançava com ela
		Desportista		Recostou-se na poltrona com um chá a ouvir a sua música favorita

Anexo H

Exemplo da Fase de Atribuição de Traço (Estudo 1)

	Marca	Fase de Atribuição de Traço
Ensaio Não relacionados		Indeciso
		Artístico
		Mal-educado
		Engraçado
		Desorganizado
Ensaio Incongruentes		Nervoso
		Desinteressado
		Preguiçoso
		Desastrado
		Desportista

Anexo I

Instruções dadas aos participantes (Estudo 1)

Ecrã 1: Obrigada pela sua participação!

Esta experiência tem três fases. Numa primeira fase irá visualizar pares de imagens e palavras, apresentadas no ecrã do computador. Por favor, preste atenção a toda a informação apresentada. A sua tarefa consiste em memorizar os pares de estímulos (imagem + palavra) procurando para tal associar a imagem à palavra respectiva.

Numa fase posterior iremos apresentar-lhe apenas as imagens e pedir-lhe que se recorde da palavra que lhe estava associada.

Pretendemos que consiga uma aprendizagem perfeita dos pares, razão pela qual terá quatro oportunidades para memorizar e recordar a informação.

Carregue na "barra de espaços" para continuar.

Ecrã 2: De forma a familiarizar-se com a tarefa, iremos mostrar-lhe um ensaio de prática.

Carregue na "barra de espaços" para visualizar o ensaio de prática.

Ecrã 3: Agora que está familiarizado com a tarefa, o estudo vai começar.

Não se esqueça: Memorize os pares imagem + palavra. Mais tarde iremos apresentar-lhe apenas as imagens e terá que se recordar da palavra que lhe estava associada.

Carregue na "barra de espaços" para começar.

Ecrã 4: Vamos agora pedir-lhe que recorde a palavra associada a cada imagem apresentada. Vamos apresentar-lhe as imagens anteriores e deverá, para cada imagem, escrever a palavra que lhe esteve associada anteriormente.

Utilize o teclado para escrever as palavras e carregue na barra de espaços quando acabar de escrever a palavra para passar para a imagem seguinte.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 5: Terá de seguida uma segunda oportunidade para aprender os pares de imagens e palavras.

Numa fase posterior, iremos apresentar-lhe apenas as imagens e pedir-lhe que se recorde da palavra que lhe estava associada.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 6: De seguida, iremos apresentar-lhe as imagens anteriores. Deverá, para cada imagem, escrever a palavra que lhe esteve associada anteriormente.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 7: Terá de seguida uma terceira oportunidade para aprender os pares imagem + palavra. Numa fase posterior, iremos apresentar-lhe apenas as imagens e pedir-lhe que se recorde da palavra que lhe estava associada.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 8: De seguida, iremos apresentar-lhe as imagens anteriores. Deverá, para cada imagem, escrever a palavra que lhe esteve associada anteriormente.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 9: Terá de seguida uma última oportunidade para aprender os pares imagem + palavra. Numa fase posterior, iremos apresentar-lhe apenas as imagens e pedir-lhe que se recorde da palavra que lhe estava associada.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 10: De seguida, iremos apresentar-lhe as imagens anteriores. Deverá, para cada imagem, escrever a palavra que lhe esteve associada anteriormente.

Carregue na barra de espaços para iniciar a tarefa.

Ecrã 11: Vamos agora iniciar a segunda fase do nosso estudo. Nesta fase iremos apresentar-lhe trios de estímulos: uma face de uma pessoa + uma frase que descreve um comportamento dessa pessoa + um logotipo de uma marca.

Novamente, pedimos-lhe que memorize os trios de informação apresentada, para um teste posterior de memória.

Carregue na "barra de espaços" para continuar.

Ecrã 12: De forma a familiarizar-se com a tarefa, iremos mostrar-lhe um ensaio de prática.

Carregue na "barra de espaços" para visualizar o ensaio de prática.

Ecrã 13: Agora que está familiarizado com a tarefa, a fase de estudo vai começar.
Memorize os trios de informação (face + frase + logótipo) para um teste de memória posterior.
Carregue na "barra de espaços" para começar.

Ecrã 14:

Nesta terceira fase do nosso estudo vamos apresentar-lhe novamente os logótipos de marcas que acabou de ver. Como sabe, muitas vezes tendemos a associar certos logótipos de marcas a certos traços de personalidade. A sua tarefa consiste em avaliar cada logótipo apresentado numa escala de personalidade de 9 pontos.

Repare que, na escala, “1” corresponde sempre à avaliação do logótipo como NADA ilustrativo do traço de personalidade em questão, e “9” a uma avaliação do logótipo como MUITO ilustrativo do traço de personalidade em questão. Deve pressionar a tecla (da tecla 1 à tecla 9) que melhor corresponda à sua avaliação do logótipo.

ATENÇÃO! Terá de dar a sua resposta muito rapidamente pois terá apenas uns segundos para o fazer. Se não for detectada nenhuma resposta receberá um aviso para ser mais rápido.

Ecrã 15: De forma a familiarizar-se com a tarefa, iremos mostrar-lhe um ensaio de prática.
Carregue na "barra de espaços" para visualizar o ensaio de prática.
Agora que está familiarizado com a tarefa, a fase de estudo vai começar.

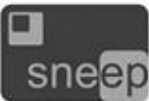
Ecrã 16: Avalie cada logótipo na escala de personalidade apresentada. Deve dar uma resposta rápida e intuitiva, e não pensar muito tempo em cada resposta que dá.
Carregue na "barra de espaços" para começar.

Ecrã 17: O Estudo chegou ao fim.

Este estudo está a ser conduzido por Andreia Silva, aluna de mestrado do ISCTE-IUL, sob orientação de Rita Jerónimo (ISCTE-IUL) e Tânia Ramos (FP-UL). Quaisquer questões ou dúvidas sobre o estudo poderão ser enviadas para: andreiasofisilva@gmail.com
Asseguramos que os seus dados são estritamente confidenciais. Nunca será possível identificar a sua identidade em qualquer relato futuro dos resultados.

Anexo J

Exemplo da Fase de Aprendizagem Associativa (Estudo 2)

Marca	Traço Associado	Marca	Traço Associado
	Desorganizado		Preguiçoso
	Desportista		Discreto
	Artístico		Desinteressado
	Esbanjador		Cuidadoso
	Persistente		Descontraído

Anexo K

Exemplo da Fase de Estudo (Estudo 2)

	Marca	Traço Associado	Face	Comportamento
Ensaio Não relacionados		Desorganizado		Foi incapaz de escolher um sítio para almoçar.
		Desportista		Disse ao empregado de caixa que ele lhe tinha dado troco a mais
		Artístico		Foi-se embora do jantar sem agradecer ao anfitrião
		Esbanjador		As histórias dele fazem as pessoas rir tanto que nem se aguentam em pé
		Persistente		Recusou um cliente por causa da sua cor de pele
Ensaio Incongruentes		Preguiçoso		Começou a suar mal a professora chamou o seu nome
		Discreto		Perguntou de onde vêm as estrelas
		Desinteressado		Apenas consegue ter dois dias livres de trabalho por mês
		Cuidadoso		Pisou os pés da namorada enquanto dançava com ela
		Descontraído		Recostou-se na poltrona com um chá a ouvir a sua música favorita

Anexo L

Exemplo da Fase de Atribuição de traço (Estudo 2)

	Face	Fase de Atribuição de Traço
Ensaio Não relacionados		Desorganizado (Traço associado à marca)
		Desportista (Traço associado à marca)
		Artístico (Traço associado à marca)
		Mal-educado (Verificação da IET)
		Engraçado (Verificação da IET)
Ensaio Incongruentes		Preguiçoso (Traço associado à marca)
		Discreto (Traço associado à marca)
		Desinteressado (Traço associado à marca)
		Desastrado (Verificação da IET)
		Nervoso (Verificação da IET)

Anexo M

Instruções dadas aos participantes no Estudo 2

(...)

Ecrã 14: Nesta terceira fase do nosso estudo vamos apresentar-lhe novamente as faces de pessoas que acabou de ver. Como sabe, muitas vezes tendemos a associar certas faces a certos traços de personalidade. A sua tarefa consiste em avaliar cada face apresentada numa escala de personalidade de 9 pontos.

Repare que, na escala, “1” corresponde sempre à avaliação da face como NADA ilustrativa do traço de personalidade em questão, e “9” a uma avaliação da face como MUITO ilustrativa do traço de personalidade em questão. Deve pressionar a tecla (da tecla 1 à tecla 9) que melhor corresponda à sua avaliação do logótipo.

Carregue na "barra de espaços" para continuar.

Ecrã 15: De forma a familiarizar-se com a tarefa, iremos mostrar-lhe um ensaio de prática. Carregue na "barra de espaços" para visualizar o ensaio de prática.

Ecrã 16: Agora que está familiarizado com a tarefa, a fase de estudo vai começar. Avalie cada face na escala de personalidade apresentada. Deve dar uma resposta rápida e intuitiva, e não pensar muito tempo em cada resposta que dá. Carregue na "barra de espaços" para começar.

Ecrã 17: O Estudo chegou ao fim.

Este estudo está a ser conduzido por Andreia Silva, aluna de mestrado do ISCTE-IUL, sob orientação de Rita Jerónimo (ISCTE-IUL) e Tânia Ramos (FP-UL). Quaisquer questões ou dúvidas sobre o estudo poderão ser enviadas para: andreiasofisilva@gmail.com

Asseguramos que os seus dados são estritamente confidenciais. Nunca será possível identificar a sua identidade em qualquer relato futuro dos resultados.

Muito obrigada pela sua colaboração!